

東海道  
五拾三次  
之内

RelevO

Setembro de 2024 / n. 1 a. 15  
ISSN 2525-2704 / Periódico  
literário independente feito em  
Curitiba-PR desde set/2010



## DOS CUSTOS DA VIDA

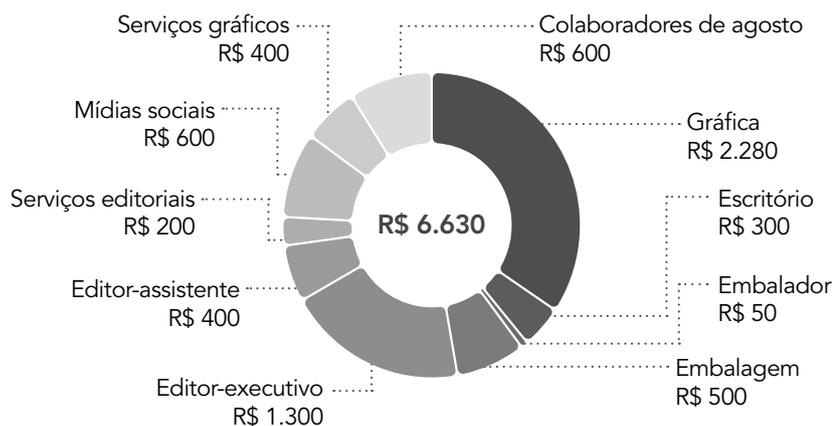
### RECEITA BRUTA

**ASSINANTES ▶ R\$ 70** Rogério Scarione; Francisco Mecking; Isoany Machado; Carolina Batista; Mariana Bercht Ruy; Claudio Boczon; Leandro Cavassin Neto; Rafael Antunes; Verônica Ramalho Nunes; Juliana Meira; Diogo Azoubel; Davi Etelevino; Jonathan Leite da Costa; Claudia Martins; André Nunes; André Carvalho; Julio Filho; Alexandre Soulza; Alexandre Senechal; André Osna; Fernando Severo; Caio Beltrão; Pedro Couto; Luciana Xavier Neves; Juarez Cognato; Francisco Cavalcante Jr.; Bruno Costa; Marcio Raz; Kauê Carneiro Macedo; Luiz Arthur Montes Ribeiro; Joelson Maciel; Afonso Castro Gonçalves; Karoline Thatiane Biavatti; Jonas Faccin; Bernardo Antônio Beledeli Perin; Morgana Rech; Aliedson Lima; Daniel Domingues; Leda Lopes; Henrique Urtado; Rosângela do Carmo; Rafael Sousa Santos; Helcio Junior; Jerusa Furbino; Bruno Andreata; Charles Oliveira; Erick Lopes; Anélia Pietrani; Paulo Guimarães; Ana Pedrazani; Caio Girão Rodrigues; George França; Celia Regina Celli; Deborah Pires de Souza; Anderson Mezzarano Lucarezi; Raphael Cruz; André Giusti; Flávio Otávio Ferreira; Bryda Peixoto; Luzia; Fernanda Duarte Bitencourt; Sasek; Julia Raiz; Rony Bellinho; Ivo Korytowski; Vinicius Augusto Paludo; Bolívar Escobar; Juliana Meira; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; **R\$ 90** Rômulo Cardoso; **R\$ 100** Viriato Gaspar; Saul Cabral Gomes Júnior; **R\$ 105** Sabrina Brésio; José Ricardo Alexandre Mendes; Ewerton Martins Ribeiro; Marcelo Ferreira Ribas; Láisa Viegas; Pedro Ramos Martins; Diego Antonelli; Paulo Sérgio Ramos da Costa; Octávio Stofel Oliveira; Diego Casagrande; Ivan Justen Santana; Melissa Schaikoski; Noiane Souza; Igor Shimabukuro; Sergio Luiz Souza Costa; Fernando Mafra; Rosana Chrispim; Alessandro Rodrigues; Samuel; Vanessa Lemos; **R\$ 120** Shelly Boil; **R\$ 140** Maria Alice Stock; Filipe Gaspari; Michel Hulmann; Rafael Aggens; Ricardo Bernhard; Cristiano Barros; Thamires Pratt; **R\$ 210** Katia Brembatti;

**R\$ 8.890**  
**TOTAL ◀ R\$ 350** Rhodrigo Deda.

**ANUNCIANTES ▶ R\$ 60** Edgar Gabriel; **R\$ 70** Flesch Notes; **R\$ 100** Thássio Ferreira; **R\$ 920** Anderson Mezzarano Lucarezi; **R\$ 140** Luiz Gustavo Vicente de Sá;  
**TOTAL ◀ R\$ 150** Dani Falcão; Impérios Sagrados; Pedro Duarte Blanco.

### CUSTOS FIXOS



### DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200  
Correios: R\$ 3.300

### DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 40

### PASSANDO A RÉGUA

Entradas totais: **R\$ 9.810**  
Saídas totais: **R\$ 10.316**  
Resultado operacional: **-R\$ 506**



## EXPEDIENTE

# Agosto 2024



Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Zeh Gustavo  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: Bolívar Escobar  
Advogado: Rafael Estorilio  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 4.000

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Rafael Estorilio  
Celso Martini  
Rômulo Cardoso  
Felipe Harmata  
Amanda Vital  
Whisner Fraga  
Fernanda Dante  
Nuno Rau



Edição finalizada em  
29 de agosto de 2024.

### ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

### PUBLIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

### NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).



## DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Utagawa Hiroshige (1797-1858), integrantes da obra *As Cinquenta e Três Estações da Tôkaidô: Edição Hoeido*, lançado pela Laboralivros (selo Urso, 2024), que conta com uma coleção de 55 gravuras do tido como o último grande mestre do ukiyo-e.

SISTEMA DIGESTÓRIO

**Carlos Pessoa Rosa** • Eu aqui com meus 75 anos, engolindo fumaça do agronegócio, cansado por saturado com o que escrevo e leio, lugar comum ruidoso, chato, sorumbático, e o correio trouxe o **Relevo** há algumas semanas, então deixei de lado, seria mais um em ritornelo viciado?, daí, hoje, 24 de agosto, o abdômen chiando, é ele que me surge, levo comigo, sento no trono, já o editorial me pega, o ombudsman na veia, o poema 45 do Rodrigo Madeira, eu cagando, comi muito pão de queijo na sexta-feira, pensei em contratar El Diabôncio para dar conta de meu corpo, mas não vou a Miami, odeio aquela democracia de fachada, melhor se estivesse em Osasco, caio no Relevo/Notícias, cago também pela boca, de rir, é isso, precisamos das inutilidades literárias inteligentes, Auden tão na contramão e atual, essa Bruna é muito boa, e caio no Zé Ketí & Elton Medeiros... Decidi: hoje vou usar papel higiênico. Bion dizia que a diferença entre a boca e o cu é que entre os dois há o sistema digestório, nada se produz, nem mesmo a merda, sem um complexo processo transformador 😊 Abraços!

FORÇA, ROSEANA!

**Teresa Silva** • Abril: com o meu estranho hábito de ler os nomes dos contribuidores do mês do **Relevo**, deparei com a contribuição da escritora Roseana Murray na edição. No dia 5 daquele mês, ela sofreu o ataque de pitbulls, o que amputou um dos seus braços e que foi amplamente noticiado na mídia. Gostei da crônica em forma de lista chamada “Ponche de maçã”, de Paula Giannini. Maio: espero que “A vida em uma fotografia”, trecho do livro *Biografia de um olho*, faça os leitores conhecerem as traduções de livros árabes da editora Tabla. Junho: muito original o romance gráfico de André Caliman, *Era uma vez no Contestado*. A história ilustrada sem balões e sem quadrinhos permite que as ilustrações sejam apresentadas com mais detalhes. Julho: gostei do sonho do que seria uma vida perfeita para uma mulher, em oposição ao inferno familiar em que vive, de “A tragédia perfeita”, de Tales Sebastião Elias.

**Rosângela do Carmo** • Irresistível proposta depois desse texto provocativo enviado pela newsletter do Jornal. Assinei. E viva a palavra escrita em papel! Sucesso com esse projeto lindo. Aguado. Grata!

VAGABUNDO CONFESSO

**Rafael Zaina Gonsalves** • Boa noite, Jornal! Como vai? Eu não estava encontrando o e-mail, então enviei pra esse aqui. Fiz uma exclusão completa dos meus e-mails e até me surgiu a dúvida se estou

em dia com minha assinatura. Além disso, o motivo principal do meu contato é que preciso alterar o nome do destinatário da minha correspondência. Os jornais são enviados para o endereço de minha mãe, que mora num condomínio onde o Comando atual decidiu que aquilo ali não é agência dos Correios para ficar recebendo correspondência de vagabundo que sequer mora lá. Se isso for atrapalhar os controles internos das Indústrias **Relevo**, pode até migrar a assinatura para o nome dela, sem problemas. Valeu!

**Fernando Antônio Fonseca** • Oi, Jornal, como vai? Chegou hoje em minha caixa de correio os exemplares de junho e agosto do **Relevo**. E também o livro *Escuro noturno sombrio*, do autor (meu xará) Fernando Maroja (seria um brinde?). Grato, amigos, pelo envio e pela simpática postura, com que tratam seus assinantes! Abraço e ótima semana!

**Claudia Felix** • Recebi um exemplar do **Relevo**. Tem aquele jeito de jornal da banca, só que com assuntos que nos interessam enquanto artistas. E ainda recebo uma newsletter toda semana por email!

PASSA O PIX?

**Igor Pontes** • Recebido de hoje foi do **Relevo**. Façam a assinatura do melhor jornal literário do Brasil!

BRUTUS 2.0

**Matheus Pestana** • Poxa, até vocês usando imagens de Inteligência Artificial?

**Da Redação** Olá, Matheus, tudo bem? O **Relevo** não se opõe ao uso de IA em suas páginas e redes sociais, sobretudo em conteúdo de nítido viés humorístico (o que, acreditamos, se afasta com larga folga da ética jornalística). Também reforçamos o que sempre expomos aos nossos assinantes: somos um jornal que remunera todos os seus escritores e ilustradores, ao contrário de muitos veículos que não utilizam IA, mas lidam com o capital intelectual como moeda de troca sem nenhum valor.

**Matheus Pestana** • Admiro e sigo o trabalho de vocês há anos, mas a decisão editorial de utilizar IA não está alinhada com o que acredito. É algo sem autenticidade. Acredito que os créditos também deveriam ser dados. O Instagram e outras redes sociais já oferecem ferramentas para sinalizar o uso de IA antes da publicação.

**Da Redação** Respeitamos a sua posição e estamos em constante discussão editorial

sobre o uso de novas ferramentas. No impresso, usamos tais recursos há no mínimo três anos e, quando colocamos uma cárie em um dente do Guga em uma página central de humor, não julgamos que os nossos leitores precisavam ser avisados de tal intervenção (a título de exemplo). De todo modo, agradecemos pela discussão em um conteúdo de humor. Isso sempre nos interessa.

SETOR DE JOGOS

**Elias de uma bet** • Olá, meu nome é Elias. Minha empresa é especializada em promover nossos clientes no setor de jogos e apostas online. Entrei em contato com vocês porque estamos interessados em cooperar com o seu site. Vocês poderiam esclarecer se oferecem os seguintes serviços promocionais? Postagem como convidado (estamos procurando links indexáveis do follow); colocação de links na página inicial de seu site (no rodapé do site); publicação de links para artigos existentes em seu site. Também gostaria de conhecer todos os métodos de pagamento que vocês utilizam. Gostaria de receber resposta o mais rápido possível para que eu possa enviar a proposta para a nossa gerência. Tenham um ótimo dia.

**Da Redação** Não, obrigado.

OMBUDSMAN DE AGOSTO

**Bruno Sant’Anna** • Assino o jornal e assino a revolta.

**Dama Oliveira** • O autor esperando ficar rico pra poder finalmente começar a lançar livros e ser reconhecido.

**Milena Maria Testa** • Colegas reclamando das situações mais absurdas. Reflexo do que vivemos. Sofremos muito desrespeito, para dizer o mínimo. E olha que sou do Direito.

**Igor da Silva Livramento** • Não há uma política sólida para estimular o setor. Não temos uma indústria editorial sólida como os países anglófonos e hispanófonos.

**Dioniso Ferreira** • Até hoje só recebi o total de 89 centavos de direitos autorais (parece piada). A editora perguntando “cadê o lançamento?” enquanto eu tratava um câncer foi a gota d’água...

**Corisco Moura** • Uma situação que se perpetuou pelo desprezo histórico de um povo aos artistas, aos intelectuais, aos professores. Sinto que se repete aquele panorama de Graciliano Ramos: o que vale é o poder e o dinheiro. Escritores não existem.

**Ewerton Martins Ribeiro** • Valeu, Jornal. As newsletters com matérias antigas estavam me fazendo rir demais. Achei que era hora de rir com um pedaço de papel na mão, em vez de rir olhando para a tela. Abraço!

QUE ISSSO!?

**Celso Neto** • Tomem no CU

**Renan Franza** • Recebi hoje as edições de junho, julho e agosto do **Relevo**. Como ex-repórter de um jornal decadente de quase 200 anos do meu estado, Pernambuco, me emocionou ver a estética, carinho e cuidado editorial que se tem com esse periódico. Que bom ver a literatura ascender de um jeito tão inusitado!

**Guilherme Arnaud** • Finalmente dei conta das edições de maio, junho e julho, que recebi de uma vez só. Fiquei muito feliz quando chegaram, mas admito que entrou de fininho a preocupação de o que fazer com tanto papel. Abraço especial ao conterrâneo Diego Sousa, que não intencionalmente deu a ótima sugestão de deixar as edições em cafeterias de Natal e Parnamirim. Outro pra Diana Joucovski, que fez uma delícia de texto falando das delícias da noite. Finalmente, pra toda equipe do **Relevo**, que mantém essa delícia de jornal. Há tão pouco os conheço, mas considero pacas.

**Marcelo Ferreira Ribas** • Oi, meu querido Jornal. Claro que sigo firme com vocês, a assinatura está renovada. A propósito, obrigado pelo envio da edição de julho e ainda pelas outras duas edições que vieram de brinde. O jornal tá simplesmente um sabor! Atenciosamente.

CONDICIONAMENTOS

**Carlos Castelo** • Olá, Jornal, tudo bem? Talvez eu assine quando vocês me disserem o que foi feito de textos que mandei numa das chamadas. Nunca obtive retorno.

**Feliciano Tavares Monteiro** • Caros araucários! Ainda estamos nos deliciando com o último alto-**Relevo**, que recebemos há pouco tempo, e ansiosos para ler a edição de agosto. Graças aos esforços literários de vocês, é possível viajar em um jornal impresso, como se voássemos sobre um tapete voador.

OI, FASCISTAS!

**Raphael Munhoz** • Bom dia. Tudo bem por aí? Preciso conhecer melhor o trabalho de vocês, sobretudo qual a posição política que seguem, para pensar em assinar. Porque, com todo o respeito, vindo de Curitiba, me dá um certo receio. Obrigado pela explicação. Assim

 **CARTAS**

que eu chegar a uma conclusão, voltamos a conversar. Bom resto de semana.

**Leon Nunes** • Olá, Jornal. Gosto muito do trabalho de vocês. Não assino no momento porque estou com uma filha de dois meses e tive que reajustar todas as contas. Ainda estamos na fase de adaptação. Então só poderei assumir compromissos financeiros daqui alguns meses à frente. Mas parabéns a vocês pelo esforço de produção desse material. Merece mesmo que os leitores colaborem no financiamento.

**Rômulo Cardoso** • A edição de agosto do **RelevO** saiu e Milton Cunha diria que está babilônica.

**NO MOMENTO, NÃO**

**João Gregório** • Opa, Jornal. Desculpe a demora em responder. No momento, não desejo assinar. Mas curto muito o tom de vocês em algumas postagens e a proposta da revista. Quem sabe um dia eu assine, mas no momento, não. Boa sorte no projeto. Espero que continuem por muito tempo.

**UM ÓTIMO JORNAL**

**Bruno Sant'Anna** • Boa noite, senhores e senhoras! Li a última edição do *Rascunho* como se merece, rascunhando na pele do meliante anotações e interjeições palavrões e grifando interesses. A coluna do Zeh Gustavo deste mês somada com a do mês passado me lembrou o livro do Luís Fernando Veríssimo, *Os Espiões*. Principalmente o início. O que nosso meio editorial faz dos autores é horrendo. E autor bom nem morto mais. Seria preciso enterrar. No mais, divirtam-se com isso! E mais reclames no corpo de papel-jornal.

 **EDITORIAL**

## A revolução silenciosa do impresso ou 14 anos da primeira edição

Em 2 de setembro de 2010, o **RelevO** saiu com a sua primeira edição impressa, oito páginas, preto & branco, formato tabloide, 1000 exemplares de tiragem. A fatura da gráfica: R\$ 200. A arrecadação do mês: R\$ 200. Gastamos entre R\$ 30 e R\$ 60 com distribuição, concentrada em Curitiba e Araucária, cidade da RMC que foi a sede logística do nosso periódico por quase 12 anos. Pouco tempo depois da edição #1, adotamos o slogan “Não tem fins lucrativos — porque não consegue”, logo depois destituído em prol do elevado “Qualquer coisa, a culpa é do revisor”.

Na época, observávamos três movimentos regulares no mercado de jornais de papel: (1) o fechamento da versão impressa de diversos jornalões, (2) o aumento de custos de papel e de materiais de papelaria e (3) a migração de leitores para as novas mídias — fenômeno que veio a se alastrar com ainda mais força a partir da portabilidade de internet em celulares. Nosso primeiro anunciante, um proprietário de uma loja de calçados, inclusive, já na terceira edição, perguntou-nos se não era o caso de se tornar digital ou abrir um blog ou um portal de literatura.

14 anos depois, aqui estamos em um cenário que não é exatamente animador, mas se distancia com folga do clima de terra arrasada e de destruição dos produtos analógicos. Inclusive, a terra do eldorado digital passa por sérias problematizações e/ou necessidades de regulação, sobretudo por parte dos pais, que lidam hoje com crianças e adolescentes viciados em celular, com problemas visuais, claras limitações de interação física e local, desconstrução dos vínculos afetivos com a família, além do comprometimento da saúde física e psicológica, de estresse à ansiedade. Não estamos sendo saudosistas: apenas conhecemos as salas de aula.

Mas veja bem: não que isso tudo — que hoje vemos como pontos de atenção em relação às tecnologias — não existisse antes em um grau menor ou atrelado às mídias ditas tradicionais, como rádio e televisão. Apenas constatamos que a primeira década de internet ilimitada trouxe uma geração nova de distúrbios, que, parece, podem ser minimizados com comportamentos... analógicos — o famoso axioma do Filho de Steve Jobs, famoso por não deixar seus rebentos usarem dispositivos eletrônicos sem mediação.

Há uma sutil e silenciosa revolução acontecendo no interior dos negócios de comunicação, mais especificamente no que tange aos periódicos de nicho: “— podemos chamar isso de ascensão vitoriosa dos leitores relaxados que estão cansados de ler nas pequenas telas de seus celulares — e essa revolução tem a mídia

impressa como protagonista”, na definição do professor em cibercultura Mario A. García (não confundir com Márcio García).

Quem acompanha o dia a dia do mercado de feiras e festivais, além dos lançamentos de edições premium de clássicos repaginados, sabe que os produtos analógicos exercem poder de sedução, mesmo que os números do mercado livreiro tradicional não sejam dos mais promissores.

Entre os periódicos de literatura que orbitam tal ecossistema com certa desenvoltura, observamos uma recente onda de revistas independentes de pequenos lotes, com propostas que atravessam da curadoria de literatura, como o próprio **RelevO**, até revistas de invenção como a *Caça & Pesca*, além da novíssima revista *Júlia*, da Livraria e Editora Arte & Letra, que já se encaminha para a segunda edição.

Editoras ainda partem para clubes de livros personalizados, ao passo que a TAG (não confundir com Transtorno de Ansiedade Generalizada) Livros acaba de completar 10 anos, lidando com as perdas ocasionadas pelas enchentes do Rio Grande do Sul. Em paralelo, García ainda reforça o caráter de individualização do impresso, com embalagens que retornam ao prazer do tato, exploram as possibilidades de formato, resgatando a beleza de juntar palavras e imagens de um jeito próprio, aquilo que convencionamos chamar de experiência.

“[as revistas] têm um preço premium, às vezes excedendo US\$ 25 por edição, e são destinadas tanto para exibição em mesas de centro quanto para leitura. Seu conteúdo normalmente não está disponível online, reforçando sua natureza exclusiva e colecionável. Essas revistas atendem a interesses específicos, como escalada, surf, esqui e corrida, enfatizando conteúdo de qualidade com publicidade mínima. Elas são projetadas para serem itens colecionáveis em vez de leituras descartáveis”.

O **RelevO** não custa nem 25 dólares ao ano. Longe disso. Em quase 200 edições de papel, sem pular sequer um mês, seguimos em conflito com os custos operacionais da vida, mas convictos de que as mídias analógicas continuarão com o seu espaço — também desconfiando que a saída dos grandes jornais da mídia impressa é mais uma ação de diminuir o acesso das pessoas à informação do que estratégia democrática.

Ao nosso modo, entregamos também uma estratégia, um jeito analógico de existir no mundo. E já vimos crises suficientes para dizer que seguiremos como um impresso — enquanto tivermos leitores e leitoras dispostos a questionar a hipertrofia do mundo.

Uma boa leitura a todos. 

 **APOIADORES**


**Banca Tatui** [www.bancatui.com.br](http://www.bancatui.com.br)  
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP

Zeh Gustavo

## FAÇA AMOR! FAÇA ARTE! E pode fazer suas merdas também!

Calma lá, não baixei de coach, ainda sou alguém. E este título se inspira noutro, do Fausto Wolff, de crônica de junho de 1981, n' *O Pasquim*: “Você não é um merda!”. Nela, Fausto ataca o “complô maquinado (...) para que vocês esqueçam o fim que dá significado à existência de vocês. Um plano para transformá-los em mortos-vivos, sem vontade própria (...)”. Em outro momento, incita o leitor a entender que pensava; que sentia; que, afinal, vivia – *não era um telefone!* E Fausto escreve numa era pré-smartphone...

★

“O silêncio é uma ética.” Anda difícil o ombudsman não citar nossos Editoriais. “As nossas vidas são permeadas por um constante fluxo [tagarela, como o define Aduato Novaes] de informações, notificações e alertas que competem por nossa atenção, fragmentando nosso foco e nos empurrando para hábitos de hamster.”

A tecnologia atual é contrarrevolucionária, reativo-positiva, no sentido de que cria mais e melhor de um mesmo que nos joga para trás. Somos instados a nos superarmos em troca de uma espécie de pseudoeus (inter/super)ativos que nos ocupam o tempo inteiro, sem pausa para o silêncio premente à produção real de sentimento e reflexão.

★

Mas não renunciaremos de todo a nós, certo? As “Nuvens não querem se separar das montanhas. / Vivem assim: em luta eterna para conciliar seus desejos.” O *Hino à sedução do tudo*, de Adonis, é dos vários pontos altos da última edição. Outro verso, de “Divisórias”: “Você, coisa incompleta, / inicia a perfeição.”

★

Trauma da contemporaneidade: o consenso em torno de uma autovivência condicionada, extenuante, fãrmaco-dopada, individualoide e precarizada.

★

Outro: o *neomoralismo*. Camaradagem, toda bundinha já esteve e estará um dia suja. Não se rebaixe à canalhice do lugar-comum de frases como “Não passo pano para...”, porque você passa sim, geral *passa pano*, toda hora, porque se não passar não tem vida em sociedade. Vivemos de passar

pano. A novidade é a escalada preocupante do *cancelamento*, fantasma onipresente, que habita o mundo do juízo deserto de qualquer razoabilidade, que não dá a menor pelota ao contraditório e ao perdão do erro, que visa a punir sem prazo e muitas vezes nem lei.

★

Que duo formoso a obra plástica de Oli Maia, em que a gente nota cores *mosaiculas* num singelo preto e branco; com o “Costume” de Anderson Almeida Nogueira, p. 22-23 (volta lá no mês passado para seguirmos juntos adiante). E aí a gente vira a página e tá lá estampada a letra de um genuíno samba ensinado por Zé Ketí e Elton Medeiros: aquilo que “Não fala, meus amigos, de ninguém / Simplificando a história / Não fala de mim também”. **RelevO**, definitivamente, não é qualquer parede.

★★★

Isto, obviamente: tal de defender a profundidade, prioridade, preciosidade que é existir, não se trata de o indivíduo se pôr a babar asneira *academicuzona* ou *namastê-afetiva* na internet, *recomendendo* (aff!) leveza no *relacionamento* (ficou demodê falar no seu correlato mais fodão, que seria *amor*, como trocam fácil *arte* por *diversão* numa programação dita cultural) e outras bobageiras graciosas.

Sabe o que é leve? Merda. Sempre boia, no mar. Em suma: faça das suas, mas corra de sê-las.

★

No meu último escrito que talvez tu leias, (re)luto ante teu medo e incidente confusão; ainda e sempre, nos insisto. E, já que urge a vida, que é esta, como a temos e não como gostaríamos numa visada de novela ou partida tensa de fuga de rebaixamento boleiro, te grito: mergulha! Que oceano é coisa nossa de não perder de vista, para além. Mergulha logo. Que, no início, a gente bate perna; uma hora até aprende a nadar.



### Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

### Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá  
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).  
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

@eeescritormayorga

O que acontece quén um repórter *junkie* é isolado com 30 militares a 1200km do continente? D cubra em **PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE**

operaeditorial.com.br





**União de Universidade**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE

**XVI SEMINÁRIO DE PESQUISA  
V ENCONTRO INTERNACIONAL  
VIII SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO**

LETRAS E ARTES COMO AGENTES DE MUDANÇAS:  
PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI

EVENTO ON-LINE  
COM CERTIFICADO  
INTERNACIONAL

16, 17 E 18  
OUTUBRO DE 2024

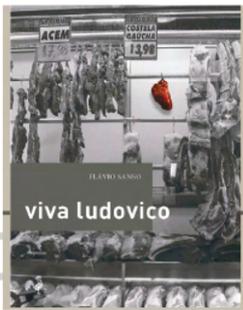
Autor homenageado  
Oswald de Andrade




PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM TEORIA LITERÁRIA

Renan Franza

# O catastrófico dia do papel higiênico



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente?

É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Às duas da tarde, as senhorinhas, as domésticas e os passeadores de cachorro já notavam algo estranho nas ruas, era tudo tão estranho, macio, preocupante e mórbido... Já caía o sol das dezesseis e, pelo mundo todo, todos estavam cometendo a barbárie do papel higiênico, e o pior: ninguém sabia o porquê.

Às quatro da manhã em ponto, a

Ninguém sabe exatamente quando foi o estopim. Da Ásia à América Latina, tudo estava morbidamente úmido e esfacelado, como aquele papel higiênico que Josias descartou. Mal sabia ele que não era o primeiro, tampouco o único ou último. O presidente da China, Wang Lei Qiang, em ar ditatorial e de temperamento polvoroso, foi às Nações Unidas pedir a cabeça do incauto e patriota presidente dos Estados Unidos, Logan Turner, pela “iminente catástrofe global”, nas palavras das autoridades. “Usam em média quatro rolos de papel por dia, isto é inadmissível!”, gritava na tribuna enquanto era controlado por outras autoridades internacionais. Nem era noite e a Coreia bombardeou todo o continente europeu. Não adiantou, tudo já era papel higiênico, da torre de papisa à torre de papel.

As florestas tropicais, savanas e desertos já estavam tomadas pelo papel higiênico também. Toda a fauna e flora começaram a se tornar obsoletas. Na Austrália, os marsupiais já faziam estoque de papel higiênico — em vez dos filhotes — em suas bolsas. No Brasil, toda a criação de gado ruminava rolos imensos de papel higiênico, sem falar na onda migratória de tatus-bola-de-papel-higiênico para o Sul e Sudeste. O caos na cadeia alimentar instaurou-se na África. Os leões, com suas presas de papel higiênico, já não eram mais reis, nem reais.

Pela madrugada, as maternidades já anunciavam: todos os recém-nascidos eram de papel higiênico. Ninguém sabia como, quem, por onde ou por que aquilo estava acontecendo, mas estavam todos estarecidos, por mais que também estivessem milimetricamente conformados. Pais e mães se desesperavam, afinal como batizar... um rolo?

RNTVPH (Rede Nacional de Televisão e Papel Higiênico) iniciara um plantão: o estoque de alimentos estava oficialmente esgotado em todo o planeta, as prateleiras estavam repletas de papel higiênico, no entanto.

Um novo dia raiava, a luminosidade, no entanto, já era opaca, era a bola gigante de papel higiênico flamejante no céu que anunciava o terrível e fatídico fim que se aproximava para a humanidade. Ao mesmo tempo em que a mão de Josias — detratador primário do Código Penal do Papel Higiênico — já estava metamorfozada em uma fofinha (e com dupla camada) folha de papel higiênico gigante, a ONU decidirá pela constituição de um grupo dos países papel-higiênicos. Mal sabiam que tudo culminaria em um grande e infinito papel higiênico poucas horas depois.

Josias assistia a tudo aquilo pela televisão de tubo de papel higiênico, ao passo que os cachorros de papel higiênico urinavam papel higiênico no papel-poste-higiênico da sua rua, que estava... bem, sabemos.

Não demorou muito: nas horas seguintes, a Suprema Corte do Papel Higiênico já estava formada para decidir quem seria o presidente global de papel higiênico. Os pré-candidatos a papel higiênico mundo afora já estavam com os seus discursos prontos: todos já falavam a mesma língua (madeira, fibra de celulose e processos químicos) e prometiam toneladas e toneladas de papel higiênico à população de papel higiênico. A disputa, sempre polarizada, cerrou entre a esquerda progressista, pedindo equidade entre papéis na sociedade à direita favorável à papelização das tropas armadas.

Deu empate.

Todos queriam a mesma coisa, afinal. Já éramos um só rolo de papel higiênico.



Mariana Bercht Ruy



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

# A Performance

A sala era ampla e muito clara. As paredes brancas erguiam-se perfeitamente quadradas do chão claro que quase parecia feito de madeira de verdade. A luz difundia-se a partir do teto, igualmente branco e quadrado, e da ampla janela à direita, pela qual podíamos ver, mal disfarçado pela copa da árvore à altura da sala, o trânsito da rua lá embaixo. À frente, no meio da parede, uma porta estava fechada. Era para ela que todos se voltavam.

As pessoas chegavam sozinhas ou em pequenos grupos cochichantes, e a sala se enchera lentamente. Sem sofás ou poltronas ou qualquer coisa além das paredes e sua claridade, os grupos espalharam-se pelo espaço, mantendo certa distância uns dos outros e, em posturas descompostas, com pés e mãos impacientes marcando a passagem do tempo, esperavam. Aqui e ali via-se alguém que chegara só incorporar-se a um dos grupos, “abriu um sol, né?”, “o trânsito para chegar tava fogo”, “será que ainda demora?”.

Não tínhamos ideia de quanto tempo fazia que estávamos ali. Havia uma regra bastante restritiva em relação ao uso de qualquer tipo de aparelho eletrônico e parecia provável que mesmo os relógios analógicos estivessem banidos. A inquietação havia começado em tempos diferentes para cada um; alguns entretinham-se em conversas e risadinhas, outros chegaram já parecendo inquietos. O certo é que, a esta altura, a inquietude tomara a todos. E a porta, fechada.

O primeiro “shhhhh” ouviu-se sem saber de onde, cortando as conversas

cochichadas que se espalhavam pela sala. No silêncio que se fez, ficou evidente que um dos sons preponderantes de vozes que ouvíamos vinha, na verdade, de outra sala. Da outra sala. Mas logo, antes que pudéssemos entender qualquer coisa, silenciou. A partir disso, os cochichos ficaram mais baixos, as risadinhas mais raras. Estávamos atentos.

Ouvíamos aqui e ali barulhos de obra, passarinhos cantando, vozes que pareciam contar, cantar, rir. Qualquer uma dessas coisas, pela sua intensidade, duração ou pela surpresa que causasse, podia gerar uma nova onda de “shhhhh”s sonoros de ouvintes atentos que buscavam decifrar, pelos sons, o que haveria do outro lado da porta fechada. Estávamos todos envolvidos nessa decifração, nem que fosse pela recusa, e logo algumas hipóteses começaram a correr o salão.

Os cheiros começaram, provavelmente, com um desagradável, que, apesar de certamente notado por todos, não foi comentado por ninguém, por uma espécie de decoro que se comunicava pelas olhadelas avaliativas de canto de olho, que buscavam um responsável. A ele, seguiu-se um cheiro doce de serralheria que combinava com os sons que ouvíamos e que, assim, também não foi comentado. O terceiro cheiro foi um cheiro forte de comida, que levantou um burburinho, “será que vai ser esse tipo de instalação?”, “mas que eu soubesse era uma performance...”, “que fome”, “eles vão nos oferecer uma refeição?”, “o programa não falava nada sobre comida”, “o programa não falava era nada”. O cheiro intensificou-se ao ponto do nauseabundo, levando os

ânimos do interesse à indignação ou, em alguns casos, ao desalento.

A porta seguia fechada.

Alguns, cansados, começavam a sentar-se no chão. Mesmo entre os grupos, antes risonhos, estabelecera-se um silêncio taciturno. Casais acariciavam-se distraidamente, procurando conforto um no outro; um ou outro solitário podia ser visto encarando as próprias mãos cruzadas, os dedos girando sem se tocar. Os sons ainda sobressaltavam a alguns e, às vezes, iniciavam discussões que logo se extinguíam, por falta de mais evidências; os cheiros às vezes nos confortavam, às vezes nos levavam a cogitar desistência. Seguíamos sem saber de onde vinham. Nos víamos divididos entre os que achavam que vinham todos da outra sala, que eram pistas, e os que achavam que eram mera casualidade; os sons e cheiros da cidade àquele horário, sons e cheiros do prédio, das pessoas.

Foi quando alguém viu uma sombra.

Até ali, acháramos que a parede à nossa frente, com a porta acintosamente fechada para a qual nos voltávamos, fosse uma parede normal, branca, sólida, opaca. Agora discutíamos: uma senhora havia visto uma sombra passar pela parede, como se fosse a tela na qual se projeta um teatro de sombras. “Que absurdo, a gente fica aqui esperando e até começa a ver coisas”, “mas eu vi também!”, “viu o quê?”, “o que era, não sei, mas vi”, “era dentro ou era fora?”, “fora”, “dentro”, “dentro e fora do quê?”, “não sei, mas vinha da sala”, “da sala?”, “é, da sala, aqui a gente tá vendo que não tem nada”, “mas a parede é uma parede normal, olha só, não dá

pra ver nada!”, “mas eu vi, não vi? Eu vi e ele também viu”, “é verdade, nós vimos, aqui”, “vimos, vimos sim”, “e agora querem me convencer de que viram fantasmas, é cada uma”, “quem tá falando em fantasma é o senhor! O que eu vi foi uma sombra”, “tão de brincadeira com a gente...”, “e como era? Era grande?”, “não sei, foi muito rápido”, “não era lá muito escura, também, mais uma sombrinha, mesmo”, “e não pode ter sido, sei lá, um bichinho voando?”, “que nada, bichinho, sombrinha... foi um baita sombrero! Devem estar fazendo obra do outro lado e essa parede, nem parede não é”, “mas é sim, ó, como é”, “mas e se você estiver aqui pra dizer isso e nos enganar?”, “que

bobagem, vem aqui e vê você mesma, é só uma parede”, “então a sombra tem que ter vindo daqui”, “quem é que tá de pegadinha com a gente?”, “deve ter sido um desses moleques fazendo sombrinha com a mão pra nos enganar”, “sai pra lá”, “que sombrinha, nem dá pra fazer sombra nessa parede, olha de onde vem a luz!”, “mas que alguma coisa aconteceu, aconteceu”, “a gente tá é vendo coisa, muito tempo sem comer, sem água, esperando... você sabe”, “é verdade, fazer isso com uma senhorinha não dá”, “e agora acham que eu tô alucinando! Se aquele pessoal ali também viu!”, “vimos, vimos”. A discórdia ia intensa. A parede, sólida. A porta, esquecida.

***você tem  
um livro de poesia?***

***nós temos  
seus leitores***

***envie um email para  
contato@faziapoesia.com.br  
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia***



**Catálogo com  
40%  
de desconto!**

- Literatura preta
- Alta Fantasia
- LGBTI+
- Questões de Gênero
- Universo Fantástico
- Poesia

Estamos no Substack e no blog do Medium  
@isceditora  
Aceitamos originais!  
estanteis.lojavirtuolpro.com



## clarão

um dia minha tia pedrolina me disse  
— e parecia um clarão na sua noite de alzheimer —  
tu tem raiva nos olho que nem tua bisa meu ffo  
mas tu nem conheceu tua bisa né  
e eu disse nem vovó eu conheci  
e minha tia disse nem tua mãe tu conheceu direito meu ffo  
tu só conhece a morte — que veio antes ou que veio cedo

tua bisa tinha esse olho aí que tu tem daí ficava tudo moiado  
espiando o tibagi minha tia disse  
ela gostava de banhar aqui na beira desse rio o tibagi  
e daí se atirava lá né e não dava mais pra saber  
o que que era ela o que que era rio  
nem dava pra saber daí se o tibagi que tinha a cor dela  
ou se ela que tinha a cor do tibagi  
os dois feito água fingida de terra os dois  
meio peixe meio cobra

tia a gente tá no hospital em curitiba eu disse  
não meu ffo ela gostava de banhar aqui pertinho aqui no tibagi  
a bisa vinha lá da ribeira tia?  
não meu ffo tua bisa vinha dos bucho do mato  
que nem eu e tua mãe minha tia disse  
que é donde tá prantado nossos umbigo  
mamãe era branca  
só por fora meu ffo  
a nona chamava minha mãe de bugra eu disse  
é que tua nona era uma vaca minha tia disse  
que deus a tenha  
e tua mãe não era bugra era fía do mato  
que nem nossa mãe tua vó era dessas foia moça dos tronco véio  
e que nem nossa vó tua bisa era uma fiínha do mato uma foínha  
verdinha verdinha dos primero tronco véio

vento soprô e levô ela embora

e como chamava a bisa?  
não sei não  
e onde nasceu a bisa?  
não sei não  
e como era a bisa?  
não sei não minha tia disse  
e quem sabe?  
os morto meu ffo tu tem que perguntar pros morto

## to jēngrēg

kỹ inh *tia* pedrolina fi tóg inh mỹ ge mũ  
- jē tóg jēngrēg mũ ve nĩ vēnhgaga kórég tỹ *alzheimer* kuty ki -  
jũ mẽ ã *bisa* fi kóm  
mỹr ã pi ã *bisa* fi ki kanhró nĩ  
kỹ sóg inh pi ver inh *avó* fi kinhrām mũ gé  
inh *tia* fi tóg ser ã pi ã mỹnh fi mré hã kĩnhra nĩ gé vēsēr tỹ vĩ hã  
kĩnhra — ã fi tóg ã kanē tag ge nĩg

goj mág tỹ *tibagi* pāvānh nĩgtĩ gé  
goj mág fyr mĩ tóg mro kamā nĩ vē ke fi tóg ti mỹnh sĩ fi  
kỹ isóg goj ki pun ke tĩ vē isỹ tō kĩnhra nĩn jé  
tỹ ù tỹ ne nĩ fi kar ne nē vē goj mág ti  
pi ser ki kanhró nĩ vē *tibagi* ne je tóg tỹ fi rá ve nĩ  
ketũmỹr fi ã je tóg goj mág tỹ *tibagi* rá ve nĩ  
ũn régre ag tóg ónkỹ tỹ ga vē tỹ goj ve  
tỹ krēgufár ve kar tỹ p̄n ve ke gé

tia *hospital* ki ēg tóg nỹtĩ ke sóg mũ *curitiba* ki  
vó inh kósín goj mág tỹ *tibagi* ki fi tóg mro kamā nĩ  
inh ã *bisa* fi tóg goj mág jagma kātĩg tĩ ã tia?  
ha vé inh kósín ã *bisa* fi tóg nēn mág nug kã tá kātĩ ti  
inh rike kar ã mỹnh fi kóm ke fi tóg mũ ã *tia* fi  
hã tá ēg nũgnin ti krān kỹ nỹtĩ ti  
mỹnh fi tóg kupri nĩ vē  
fi pi tỹ fóg ve nĩ vē  
inh *nona* fi tóg inh mỹnh fi mỹ bugra ke tĩ vē  
ã *nona* fi tóg tỹ monh fi rike nĩ ke tĩ  
topē tóg fi nĩm han  
ã mỹnh fi pi tỹ *bugra* nĩ vē nēn ga kósín fi ja vē  
tỹ ēg mỹnh rike ã mỹnh kófa fi tóg ke nĩ vē ka järe ēn ge  
tỹ ēg mỹnh kófa rike nĩ ã bisa fi tỹ nēn ga krē nĩ vē kaféj sĩ  
tánh sĩ tánh sĩ ka järe mur tåg ēn rike

kãka tóg fi ki uuuuu ke mũ kỹ fi ma vyr mũ ser

ã hēren kỹ ã *bisa* fi japrēr tĩ vē?  
inh pi kĩnhra nĩ  
hē tá *bisa* fi mur mũ?  
inh pi kĩnhra nĩ  
*bisa* fi hēre nĩ vē?  
inh *tia* fi tóg inh pi kĩnhra nĩ  
ũ tỹ ne nỹ ki kanhró nĩ?  
ũn kēgter ja ag ùn kēgter ja ag mỹ to vĩ

## o sonho

conta-se mas ninguém ouviu  
houve mas ninguém conta  
que ela era filha do sul

e por isso ninguém sabe e ninguém  
nunca saberá  
se kaiowá nhandeva se yaró mbyá  
se xokleng se charrua carijó ou xetá

— nem uma linha uma vogal um  
registro —

não sei o povo de minha bisavó  
não sei a terra nem sei a chuva  
mas na noite em que voltei do hospital  
pouco depois de dormir  
afundei num sonho de águas barrentas  
e senti uma cobra grande roçando  
meus pés

ela nadava se confundindo com as ondas  
e deslizava suas escamas para fora do rio  
a cabeça maior que um touro seu corpo  
elegante e monstruoso perdia-se de  
vista  
abriu sua boca caverna e mostrou as  
presas  
gotejando como estalactites venenosas  
entre elas estendeu a língua  
como se estendesse um tapete vermelho  
por onde saiu caminhando tranquila  
uma criança

com a lama da margem ela desenhou  
dois traços retos  
debaixo de cada olho dela  
e debaixo de cada olho da cobra en-  
quanto dizia

*nūgme jāgti*

ela tinha a voz da minha mãe  
e eu que jurava já ter esquecido a voz da  
minha mãe  
acordei  
sufocado pela lembrança devolvida  
em palavras tão familiares e desconhecidas

*nūgme jāgti*

não sei o povo não sei a terra nem sei a  
chuva  
mas sonhei com uma criança e escolhi  
chamá-la de bisa  
ouvi sua voz como se ouvisse minha  
mãe chamando  
me pedindo pra voltar pra casa

*nūgme jāgti*

esse som ficou na minha cabeça por dias  
sendo apenas isso — um som  
ainda sem grafia sem imagem sem  
sentido

descobri depois pesquisando num livro  
sobre os povos originários do paraná  
que essa é uma expressão da língua  
kaingang  
e quer dizer o *sonho dos mortos*

o sonho que a gente tem  
quando precisa acalmar a saudade  
de quem se foi

talvez tudo seja acaso  
— o clarão o sonho o livro —  
mas escolhi chamá-la de bisa

escolhi chamar *nūgme jāgti*  
de reencontro

## vēnhpéti

tó tóg ser hãra ũ pi mēg mū  
mēg tóg mū hãra ũ pi tó tĩ  
fi tỹ *sul* kósín nĩ ti

hã kỹ ũ pi kĩnhra nĩ kar ũ pi ki kanhró  
nĩj mū gé  
je *kaiowá nhandeva* kar yaró mbyá  
je *xokleng* kar *charrua carijó* ketũmỹr  
*xetá*

— vãfe tũ vogaj ketũmỹr to rán ja —

inh pi ki kanhró nĩ ũ tỹ ne ti tỹ inh *bisa*  
kanhgág ag  
inh pi ga ki kanhró nĩ kar ta ti  
hãra kuty ũ mỹ isóg *hospital* to vỹn ke  
mū

isỹ nũr mãn jo  
goj jēgrá ki sóg pun ke mū inh vēnhpéti ki  
pỹn mág fi tóg inh pēn rã vo tĩgtĩ

goj tỹ rūmrũm kãmĩ fi tóg mro kar ve  
kórég krĩ tỹ vēnhmỹ ke tĩ  
fi fár tỹ fi tóg goj fyr tá jym ke tĩ  
monh mág kãfór fi krĩ ti

sĩnvĩ tỹ vĩ mré mag tỹ vĩ vej vãnħ tá jun  
tĩ

fi jēnky mág tỹ róm ke mū fi jā mág  
vinven mū  
pénjo rike gronh ke tĩ  
fag jagfỹ fi tóg fi nũnē kujén kỹ fig mū  
je tỹ kur kusũg tỹ jagma kujén kỹ fig mū  
hã tá gĩr sĩ fi tóg ve há ke kỹ tĩ nĩ

goj jagma kãgrór tỹ rá téj régre han mū  
fi kanē kar ag krēm  
pỹn fi kanē kar ag krēm kỹ fi tóg ge tĩ

*nūgme jāgti*

inh mỹnh fi vĩ rike  
kỹ sóg inh mỹnh fi vĩ kãjatun ja tũ nĩ  
ver  
mrin ke mū  
jykre to jēmēg nĩgtĩ  
inh kēge ag vãmén ja si to

*nūgme jāgti*

ag hã mēn ketũmỹr ga ti ketũmỹr ta ti  
ũn sĩ fi to vēnhpéti kỹ inh ne fi mỹ jyjy  
tỹ *bisa* kē mū

isỹ ã vĩ mēg mū tỹ inh mỹnh fi vãmén  
hã  
inh mỹ ha ĩn ra tĩg

*nūgme jāgti*

vãkyr tag tóg inh krĩ kã kã nĩgtĩ kurã  
kar mĩ  
tag tỹ vĩ — vãkyr tĩ  
ver vēnhrá tũ kar kãgrá tũ ne ja há tũ

vég inh ne mū rivro ki jãvãnħ kỹ  
kanhgág si ag *paraná* tá  
tag vỹ tỹ kaingang ag vĩ pē nĩ  
*hã to ěg tóg vēser ag vēnhpéti ke tĩ*

ěg tỹ vēnhpéti nỹtĩn kỹ  
ěkrén ja tỹ tũ ken jé  
ũn vyr ja ti

inh mỹ tóg tỹ vē jy kē nĩ  
— jēngrēg kar vēnhpéti mré rivro ag —  
hãra sóg fi jyjy tỹ *bisa* ke mū

hã kỹ sóg to nūgme jāgti ke mū  
to kato tē

Jr. Bellé

*Trechos de Retorno ao Ventre (Editora Elefante, 2024). Por respeito e admiração aos protagonistas deste longo poema, o autor escreveu em português e traduziu a obra integralmente ao idioma kaingang.*



# 1º FESTIVAL RELEVO DE BOSTALGIA

O **RelevO** completa 14 anos de existência, e quem ganha o presente é... o próprio **RelevO**! Prepare-se para pagar caro, se divertir pouco e chegar cedo em casa. Do que sabemos: após um produtivo *menthoring*, a redação do Jornal se empolgou com os poderosos *insights* de seu consultor (e ocasional *dealer*) Ángel Hurtado, especialista em velhas ideias para novos tempos: “*Por que no una festival de culturalidade para*

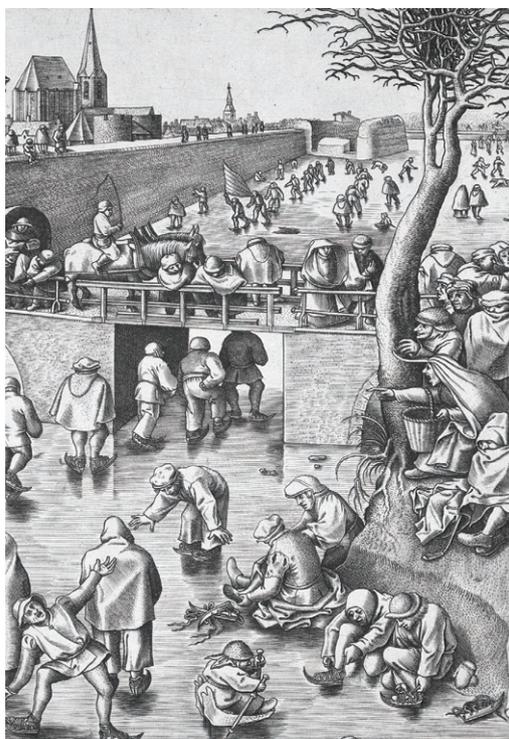
*los assinante más viejos que ainda leen xornales?*”. Assim surgiu o **1º Festival RelevO de Bostalgia**, com uma extensa programação, espalhada por três dias, ainda sem data oficial – pois estamos negociando um horário de divulgação na grade do primeiro canal obscuro disposto a trocar 72 horas de pastores energéticos pela nossa atração. “*And you may tell yourself: ‘This is not my beautiful house!’*”

## Dia 1

*Saudades do que fui forçado a ver*

### MESA-REDONDA COM ANTONIO QUADROS, JULIA PENA E LUQUINHA

Três especialistas em televisão brasileira celebram a lavagem cerebral dementalizadora da TV aberta dos anos 1980 e 90, reassistindo momentos que qualquer cidadão não afetado por memória afetiva sabe se tratar de passagens absolutamente melancólicas da existência. Eles usufruem do mais caro estado de negação para converter a podridão do entretenimento em algo *\*interessante\**, louvando certas apresentadoras sem carisma que, por motivos inesperados de carreira, voltaram-se ao público infantil e, graças à lavagem cerebral dementalizadora, tornaram-se ícones. “É um grande *react*”, convida Quadros, no que é possível ouvir de seu rosto esticado, o sorriso pálido, a voz ganindo pelo desespero de permanecer em contato com a geração dos filhos que não teve.



*Saudades da Amélia*

### TOUR INTERATIVO EM REALIDADE VIRTUAL

Em 1971, Toquinho e Vinicius de Moraes fizeram o show de abertura do Teatro Paiol, em Curitiba. O que pouca gente sabe é que, depois do evento, a boêmia dupla foi parar em Balsa Nova, pacata cidade da Região Metropolitana, em busca de aventuras até hoje inexplicáveis. Pra lembrar o histórico evento pós-evento, o coletivo Isso É Balsa Nova, Isso É Muito Natural promete recriar todos os passos etílicos da dupla, reproduzindo inclusive as ofensas de Vinicius às belezas locais e a suposta trajetória de composição de ‘Aquarela’, cujo trecho “Vai voando, contornando / A imensa curva norte-sul / Vou com ela viajando / Havai, Pequim ou Istambul” seria, na verdade, “Balsa Nova, Balsa Nova / Balsa Nova, Balsa Nova / Balsa Nova / Balsa Nova, Balsa Nova / Balsa Nova”, de inegável explosão poética.

## Dia 2

*Aqui é a nossa família; todo mundo divide o que tem*

### MEGARRAMPA COM TRÊS SKATISTAS LESIONADOS QUE FICARAM PARA TRÁS

“Tá tudo muito comercial, bro”. Dois skatistas e uma surfista se unem para celebrar a não competição, ao mesmo tempo que questionam a entrada nas Olimpíadas de seus esportes marcadamente recreativos, tanto no aspecto das notas como das pontas. “Por mim, todo mundo ganhava uma medalha, tá ligado”, alega John John Flores, 53, afastado do skate desde uma grave lesão no quadril em 2015. O evento nada mais é que um grande suporte a JJ, que já não vinha bem da cabeça desde a morte de Chorão (1970-2013). Por incrível que pareça, o **Relevo** acha o pessoal do skate muito gente boa no geral. Eles praticam atividade física. No canto deles. Não incomodam ninguém. Bem melhor que escritores boêmios — nem se compara.



## Dia 3

*Boi Velho com o Blog Lavra*

### PALESTRA COM GUI SALENTIERI, MODERADOR DE \*VÁRIAS\* COMUNIDADES NO ORKUT

Quem não sente falta da internet raiz, hein? Hein? Os anos dourados de ruídos sci-fi da conexão, pirataria de qualidade, zero publi e Orkut \*torando\* serão resgatados por especialistas na casa dos 40 anos, que contarão como faziam para enviar nudes ou simplesmente ficar acordados depois da meia-noite para economizar na fatura. Uma oficina pretende recriar o clima inefável de escritores brancos de 20 anos voltando bêbados de bares da Rua Augusta e sentando para publicar seus devaneios no Wordpress.

*Destroços do Rock*

### DJ SET COM ALGUM MEMBRO SECUNDÁRIO DO IRA E COMENTÁRIOS DO EMPREENDEDOR SERGÍNHO DINIZ

O título da mesa soa agressivo porque o rock de verdade é agressivo. Esta é a perspectiva do Destroços do Rock, que contará como recriou, via inteligência artificial, diversos integrantes de bandas clássicas do rock para que o Brasil possa novamente ter a formação completa de grupos sofisticados como o AC/DC. Serginho Diniz, de volta após alguns anos de “reclusão meditativa” — ele estava preso —, conta como foi diretamente responsável pelo retorno do Oasis, além de outras tantas lorotas cuja verdade costumava contar antes de sua acachapante queda.

*Arquivo: X*

### PAINEL COM BIBI GARRETZ

Não se engane. Não estamos falando da série de nove temporadas e dois filmes pra explicar alguma coisa que supostamente ficou faltando. A mesa, com a... twitteira (“põe ‘criadora de conteúdo’ aí”) Bibi Garretz, repassará três horas de “tweets” inesquecíveis, lendários, engraçadíssimos da história dessa rede social tão saudável quanto um *hors d'oeuvres* de Césio-237. Ótimo momento para constatar que as melhores memórias de sua vida são risadas de... *tweets*.



### Boy Bandido: ain't nothing but a pensão alimentícia APRESENTAÇÃO MUSICAL COM 100% DE PLAYBACK

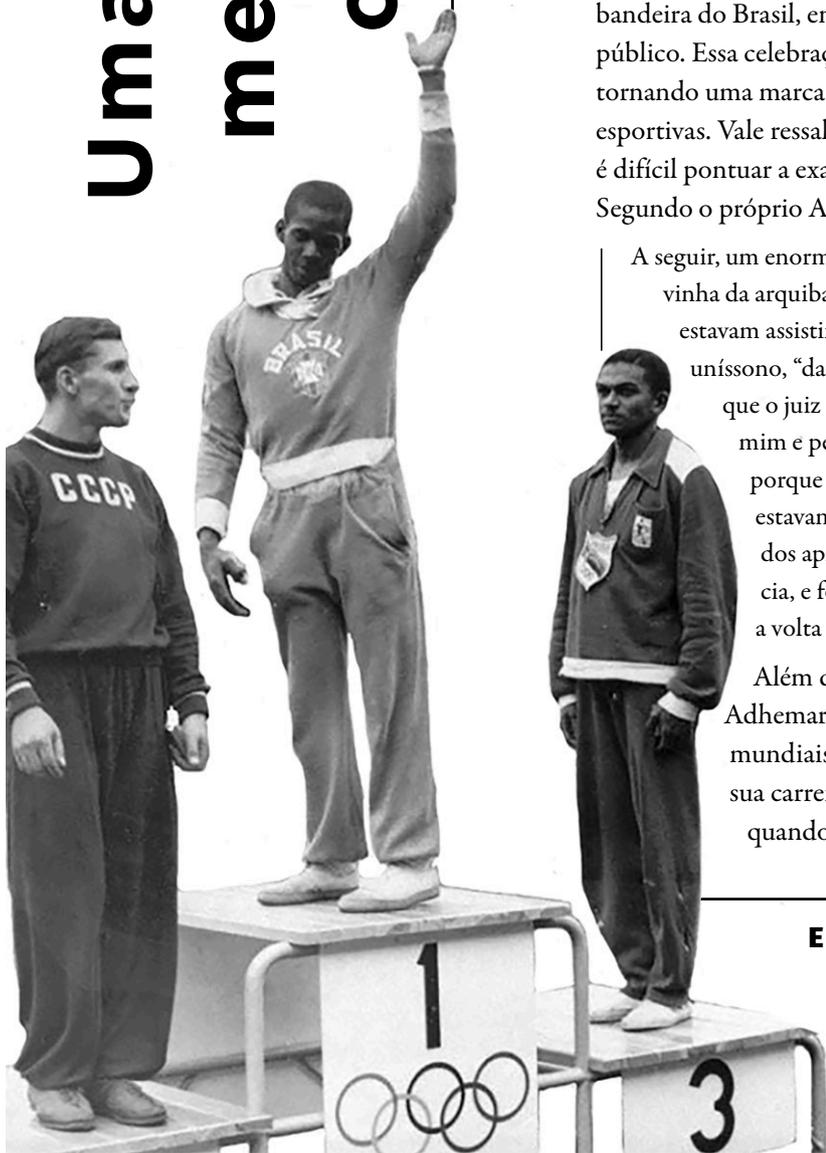
Não seria um festival sem música, né? Ou algo assim. Correndo das respectivas ex-companheiras (todas *groupies* consagradas dos anos 1990), uma *boy band* famosíssima dará as caras no Bostalgia. Cinco dos seis integrantes estão retornando calvos e um tanto pançudos — apesar da constante fuga na esfera judicial, que tira o sono, mas não queima calorias. O outro integrante se foi por overdose em 2004. Gostou da dica? O nome da *boy band* será revelado... assim que fecharmos com uma... pois a descrição ainda bate com várias. Mas fique de olho!

*Todo Mundo em Pânico 5 — dez anos!*

### CINE-DEBATE COM SÓSIAS DE CHARLIE SHEEN, AO MENOS NO COMPORTAMENTO

Na verdade, são 11 anos desde o quinto filme da cinessérie mais... mais... mais... Enfim, é isso aí. E, afinal, quer coisa mais contra o sistema do que burlar efemérides? O grupo de estudos de *Scary Movie* promete causar alvoroço com o vazamento do roteiro do 6º filme da série — já confirmadíssimo (você acha que existe limite para a nostalgia?). Com isso em mente, a matilha de Sheens logo transformará o cine-debate naquilo que mais lhes interessa: cu, cu, pó, pó. Pra que ler roteiro? Isso é coisa de otário. O negócio é subir uma lagarta pra cada filme. Viva a Bostalgia!

# Uma grande volta de medalhas, diplomas, cortinas e Cannes



Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001) é um dos maiores ícones do esporte brasileiro, com uma carreira marcada por feitos extraordinários no atletismo. Ele se destacou como bicampeão olímpico no salto triplo, conquistando medalhas de ouro nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e de Melbourne, em 1956. Em Helsinque – que em Portugal é Helsínquia e em finlandês só pode significar “pia do inferno” –, Adhemar quebrou os recordes mundial e olímpico com um salto de 16,22 metros. Foi a primeira medalha de ouro do atletismo brasileiro e apenas a segunda em Jogos Olímpicos.

Em Melbourne, ele superou novamente sua própria marca, com um salto de 16,35 metros. Esses feitos fizeram de Adhemar o primeiro brasileiro a conquistar duas medalhas de ouro olímpicas, consolidando sua posição como um dos grandes nomes do esporte mundial. Como se não bastasse, ele costuma ser creditado como o criador da volta olímpica.

A história remonta à Olimpíada de 1952, lá mesmo na pia no inferno. Depois de vencer a disputa do salto triplo, o medalhista deu uma volta inteira ao redor da pista, segurando uma pequena bandeira do Brasil, enquanto recebia os aplausos do público. Essa celebração espontânea acabou se tornando uma marca registrada de comemorações esportivas. Vale ressaltar: ele *costuma ser* creditado; é difícil pontuar a exata criação da volta olímpica.<sup>1</sup> Segundo o próprio Adhemar:

A seguir, um enorme barulho, e esse barulho vinha da arquibancada, vinha daqueles que estavam assistindo, e que gritavam em uníssono, “da Silva, da Silva, da Silva”, até que o juiz da competição dirigiu-se a mim e pediu que eu desse uma volta, porque a plateia, os assistentes, assim estavam pedindo. Eu fiz isso debaixo dos aplausos de toda aquela assistência, e foi a primeira vez que tivemos a volta olímpica.<sup>2</sup>

Além de suas conquistas olímpicas, Adhemar estabeleceu cinco recordes mundiais no salto triplo ao longo de sua carreira, sendo o último em 1955, quando saltou 16,56 metros. Ele

também brilhou nos **Jogos Pan-Americanos**, conquistando medalhas de ouro nas edições de Buenos Aires (1951) e da Cidade do México (1955). Seu legado ficou eternizado no Hall da Fama do Atletismo: trata-se do único brasileiro da lista.

## And now for something completely different

Adhemar não era só atleta, medalhista e recordista olímpico. Segundo a CNN, ele também “era formado em Direito, Belas Artes, Relações Públicas e Educação Física, falava vários idiomas, foi adido cultural do Brasil na Nigéria, colunista do jornal *Última Hora*”<sup>3</sup>. Lógico, não tudo enquanto atleta. Escultor, sim: sua formação e seu ofício precederam a incursão no atletismo. Palavras dele:

Nós trabalhamos durante três anos após a minha formatura, eu lembro-me que o nosso grupo, nós éramos em seis os formandos, nos trabalhávamos nos bustos do Matarazzo. Então, foi um trabalho feito de bronze, e existia, não sei se ainda existe, em cada uma das fábricas da Matarazzo, um busto, em homenagem ao velho Matarazzo. Depois eu fui trabalhar num ateliê de artes, chamava-se Brasilarte, andei trabalhando um certo tempo com alguns escultores famosos, e enquanto eu trabalhava nesta oficina, que era durante o dia, à noite eu passava a estudar datilografia, taquigrafia e correspondência.

Isso só para contextualizar que ele não cairia de paraquedas (ou de salto triplo) na arte – qualquer arte. Adhemar sabia tocar violão e esculpir. Depois da Olimpíada de Helsinque, já trabalhava na imprensa, dividindo seu tempo entre o atletismo e o cargo de funcionário municipal de São Paulo. **Jânio Quadros**, o imbecil – então prefeito de São Paulo –, ainda o demitiria pelo tempo fora do trabalho, representando o Brasil em competições internacionais.

Assim, precisamos pular alguns anos<sup>4</sup> para chegar em *Orfeu da Conceição*. A história é famosa, mas por outros dois protagonistas. **Vinicius de Moraes**, 42, queria adaptar o mito grego de Orfeu à realidade das comunidades cariocas. Ele precisava de um músico, então foi apresentado ao jovem arranjador, compositor e maestro **Antonio Carlos Jobim**. O ingênuo Tom, 29, perguntou ao [ainda] pomposo diplomata “vai um dinheirinho nisso aí?”, e assim a parceria entre eles começou.

Um belo dia, cinco anos depois [de escrever o primeiro ato, em 1948], sendo eu cônsul do

## E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:  
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Brasil em Los Angeles, veio-me de repente o segundo ato. O inferno do Orfeu negro seria o Carnaval carioca. Orfeu buscaria Eurídice em meio ao ritmo desencadeado das escolas de samba, dos passistas, dos mascarados em travesti, dos negros libertando-se de sua pobreza no luxo das fantasias compradas à custa de economias de um ano.

O espetáculo estreou em 1956 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Nos cenários, apenas **Oscar Niemeyer**<sup>5</sup>. Nessa época, Adhemar treinava no Vasco da Gama, não mais no São Paulo, e conheceu Vinicius no Rio de Janeiro.

E quem complementaria um panteão com Vinicius, Tom e Niemeyer? Jânio Quadros. Brincadeira<sup>6</sup>. Você já entendeu. Creditado como “Ademar Pereira da Silva”, o medalhista olímpico chegou a atuar na peça. E aqui temos algumas dúvidas nos detalhes.

Segundo sua filha, Adyel, a peça teve apenas uma apresentação. Mas sabemos que houve mais, como a própria edição brasileira, publicada pela Companhia de Bolso (2013), informa. E nessa mesma edição, “Ademar Ferreira da Silva” – nome errado, sobrenome certo –, consta no elenco, mais especificamente no coro. Encontramos uma foto catalogada apontando Ad[h]emar no acervo da Funarte.

A peça estreou em 25 de setembro de 1956, e as Olimpíadas de Melbourne aconteceram entre o fim de novembro e o início de dezembro. Quem sabe Adhemar não participou da temporada inteira, daí a informação de sua filha. O fato é que *Orfeu da Conceição* foi um marco por ter um elenco inteiramente formado por atores negros, o que era (ainda mais) incomum.

Musicado por Tom Jobim e **Luiz Bonfá**, o espetáculo encantou o diretor **Marcel Camus**, que aceitou adaptá-lo ao cinema – digo *aceitou* porque Vinicius já trabalhava no roteiro com o produtor Sacha Gordine<sup>7</sup>. Vale lembrar que o Poetinha não só havia sido crítico de cinema, mas também servira como vice-cônsul em Los Angeles entre 1946 e 1950. Para engrossar a carteirada, ele era amigo de Orson Welles<sup>8</sup>.

Daí surgiu *Orfeu Negro* (1959), com elemento quase todo novo – exceto por Adhemar, agora (inequivocamente) a Morte. Na peça, o papel (de Dama Negra) havia sido interpretado por Francisca de Queiroz.

*Orfeu Negro*, tecnicamente um filme

franco-italiano, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, ajudando a difundir a cultura brasileira pelo mundo. Quem saiu ganhando foi o francês, mas isso é papo para outra conversa. O fato é que Adhemar, o monstro, estava lá. Também lá.

As trilhas sonoras – da peça e do filme – também são um capítulo à parte. Ali se eternizaram belezas como ‘Se todos fossem iguais a você’, ‘Lamento no morro’, ‘A felicidade’ e ‘Manhã de Carnaval’, monumentos da cultura brasileira. Não sem alguns ruídos:

Vinicius, porém, não gostou da versão cinematográfica de sua obra. Dizia que faltava a ela “a natureza de um dos divinos músicos do morro carioca”. O Poetinha teve bons motivos para não gostar do tratamento que Jacques Viot e Camus deram ao roteiro. Mas nada o teria aborrecido tanto quanto a traição à música original, por mais que a trilha sonora do filme tenha feito sucesso por todo o mundo.

Dos seis temas escritos, na primeira vez em que Tom Jobim e Vinicius trabalharam juntos, nada se aproveitou. ‘Se todos fossem iguais a você’, primeiro êxito da dupla, nem foi lembrada. A valsa ‘Eurídice’ também não aparece. Vinicius & Tom fizeram três novas canções para o filme, uma delas ‘A felicidade’, cantada na trilha por Agostinho dos Santos, a voz de Orfeu para Breno.

De nossa parte, fica a reverência a este personagem único da história brasileira. Adhemar foi um monstro, um mito e um campeão, tudo isso com a versatilidade, a articulação e a inteligência encontradas apenas em indivíduos fora da curva. É com o mais saudável ângulo do pertencimento nacional – de que serve a palavra patriotismo? – que lembramos este atleta e artista, epítome do que há de melhor no brasileiro.

Curiosamente, Adhemar Ferreira da Silva e Luiz Bonfá morreram no exato mesmo dia: 12 de janeiro de 2001. No Além, ouviu-se ‘Manhã de Carnaval’.

<sup>1</sup> Ou seja, estamos sendo lamentavelmente cautelosos, o que não bate com o nacionalismo aflorado pelo espírito olímpico. Esqueçam tudo isso: Adhemar *com certeza* foi o *primeiro* a dar uma volta olímpica, *inventando-a* e popularizando-a para o planeta inteiro. BRASIL!

<sup>2</sup> A continuação do depoimento é ainda mais fantástica: “E naquele ano de 52, um outro atleta também deu a volta olímpica. Foi Emil Zatopec, da Tchecoslováquia, por razão de ganhar os 5.000, os 10.000, e ganhar a maratona. E a família Zatopec levava quatro medalhas de ouro, porque sua mulher, Dana Zatopec, ganhava a prova do arremesso do dardo, então foram quatro medalhas de ouro. Emil Zatopec foi convidado, tal como da Silva, a dar a volta olímpica. O que eu senti quando estava dando a volta olímpica? (...) **O público não aceita, mas eu não senti absolutamente nada.** Explico por que: eu sabia o que estava fazendo, mas não dava para interfectar, porque eu estava vindo de uma concentração de quatro meses, quatro meses com o pensamento voltado para aquele instante. Então a partir do término da competição, eu comecei a desmanchar dentro de mim”.

<sup>3</sup> O site da Cásper Libero confirma sua formação como Relações Públicas, complementando que “Além da Comunicação, Adhemar se formou em Belas Artes, Educação Física e Direito”.

<sup>4</sup> A vida de Adhemar é realmente impressionante, então precisamos fazer muitos recortes. Recomendamos fortemente a leitura de seu depoimento ao Museu da Pessoa.

<sup>5</sup> Palavras de Vinicius: “...e não apenas porque eu acredite que nada de ruim poderá jamais sair das mãos de Oscar Niemeyer. (...) [Niemeyer] é o antimedíocre, e o é sem se furtar à dialética da vida, sem tirar o corpo fora à injunção de não deixar sua criação apenas no papel mas de realizá-la com as imperfeições decorrentes de mil e um fatores exteriores que intervêm posteriormente na sua realização” (*Orfeu da Conceição*, Companhia de Bolso, 2013).

<sup>6</sup> O pior é que Jânio, já como governador, tentou colaborar com Vinicius, oferecendo levar a peça para São Paulo. “Em São Paulo particularmente a cooperação encontrada foi inexcusable. O governador Jânio Quadros prometeu-me pessoalmente autorizar uma subvenção de duzentos contos, caso a Comissão de Teatro estivesse de acordo com o pedido” (*Orfeu da Conceição*, Companhia de Bolso, 2013).

<sup>7</sup> Um nome completamente Hermes & Renato.

<sup>8</sup> É fácil encontrar relatos de Vinicius sobre/com Welles no site da VM Cultura.

<sup>9</sup> Por fim, corrigimos a última injustiça desta publicação: ‘Manhã de Carnaval’ também é de Antônio Maria. :)

# BABAK

O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

de  
André  
Caliman



- Veja o resultado do avanço tecnológico!
- Você precisa superar esse trauma da bomba atômica, Babak!

# BABAK

O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

de  
André  
Caliman



- Uma guerra para reduzir a população?
- Melhor enquanto ainda somos poucos, Babak. Mais tarde, trabalho em dobro!

# BABAK

O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

de  
André  
Caliman



- Por que não largamos essas permutas e voltamos ao tal do dinheiro, Babak?
- É que podem levar a coisa muito a sério.

# BABAK

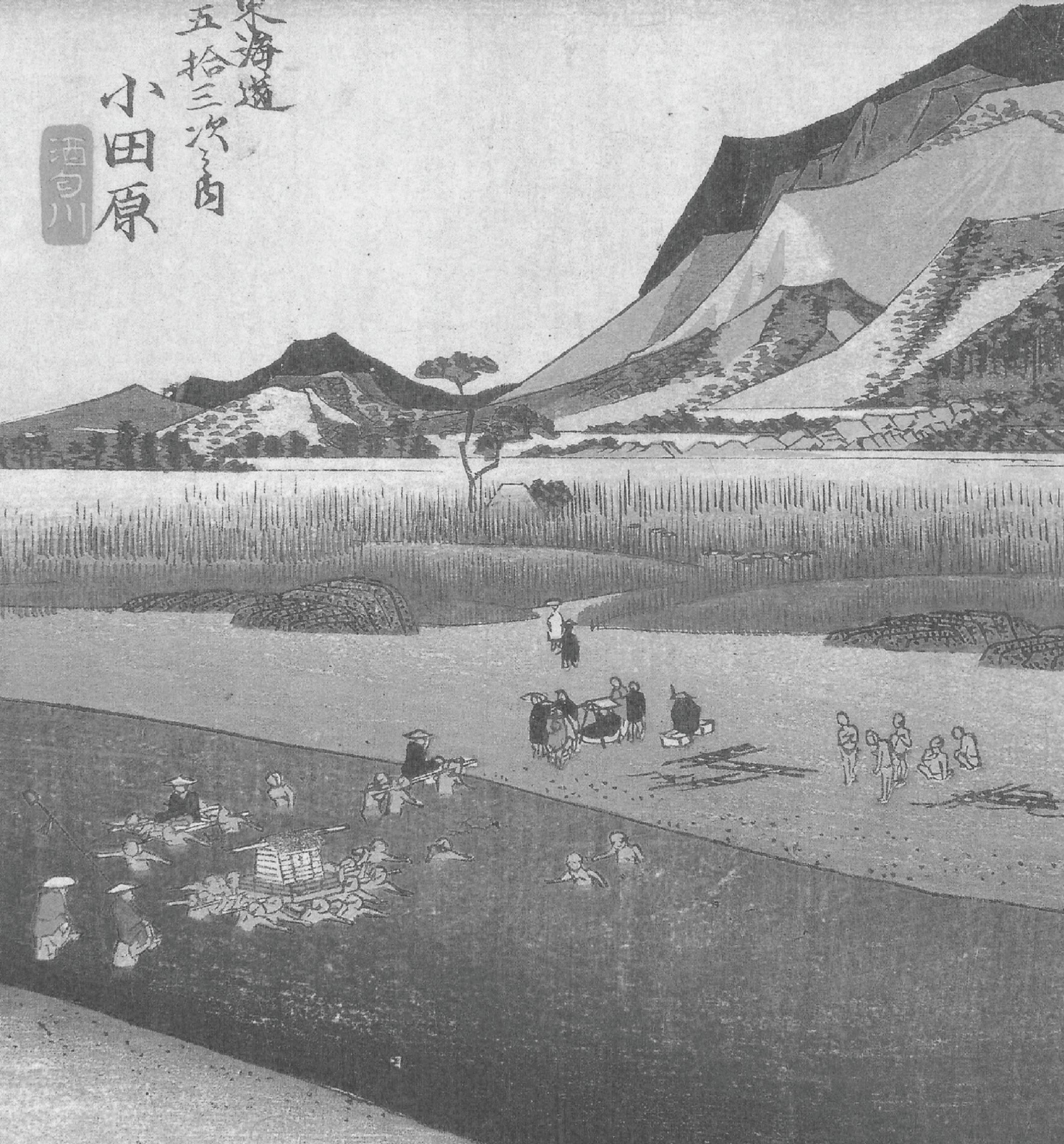
O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

de  
André  
Caliman



- Babak, dizem que, na era pré-apocalíptica, bastava um clique para se ter um jantar.
- Esse clique custava oito horas no escritório!

東海道  
五拾三次之内  
小田原  
酒匂川



Carolina Schettini

# A balada de Valentina

Lembra, lembra, lembra. Valentina abre os olhos e nada vê. Está escuro. Muito escuro. Deitada, vestida com uma camiseta de malha, roda as pupilas de um lado para o outro para tentar se adaptar à escuridão. Em volta, um breu. Na sua cabeça, um branco. Virando o corpo de lado, estende o braço e encosta em alguém. É um homem. Está sem blusa e com a pele suada. Sua mão gruda. Ai, que nojo, que nojo, que nojo. O coração pulsa em ritmo de samba. Cega, volta à posição inicial. Respira, lembra, respira. Valentina puxa o ar para dentro e solta com força contando até dez. Um dois dez um dois dez. O homem mexe colocando o braço em cima do seu corpo frágil. Ela para a contagem e puxa o ar para dentro. O homem está próximo dela, bem próximo. O cheiro de cerveja e hálito velho ecoa no ar e entope seu nariz. Vou sufocar. Valentina esperneia de um lado para o outro, joga o braço do homem — que não lembra — para cima, ele vira para o outro lado num sono profundo. Lembra, lembra, lembra. Escuta (dentro) acordes de violoncelo. Seus dedos marcados por cordas. As pontas dos dedos marcadas por valas abertas se movem em cavalgada. Valentina senta na cama e segura na estrutura que parece um dossel sem pano algum. Madeira. Por certo escura, não aparece nada. Se fossem claras, talvez brilhassem. Estou numa floresta densa. Valentina fica em pé e tonteia. Lembra, lembra, lembra. No silêncio do quarto, ao esbarrar na mesinha de cabeceira, promove um estrondo. O homem não lembra, Valentina, ele murmura e volta a roncar mais alto, rolando para o outro lado do colchão. Valentina anda com os braços para frente investigando o ambiente com as mãos e encontra uma parede. Degraus. No quarto havia degraus. Lembra. Se subir, pode encontrar a porta e sair dali. Eram quantos? Sobe um, sobe dois, sobe três e cai no quatro. No escuro, estatelada no chão frio de mármore. Vou morrer aqui. Consegue se levantar para procurar a porta. Trancada. Não é um hotel? É um hotel? Quem tranca a porta de hotel? Como tranca uma porta de hotel? Valentina mexe os braços em uma dança louca procurando pelo interruptor de luz. Lembra, lembra. O terceiro de cima para baixo acende a luz do banheiro. Por que não funciona? Merda! Preciso sair daqui. Valentina tropeça num monte de panos. Casacos. De lâ? Deve estar frio lá fora. No escuro faz calor. Ou a pele esquenta quando não se sabe o que está acontecendo? No bolso do casaco, encontra um vidrinho lotado de pílulas. O conteúdo todo é derrubado quando ela abre e entorna na sua mão. Pílulas pequenas sem cheiro. Não é hora de tomar nada, Valentina. Vem pra cama. O homem

enxerga no escuro? Nem uma sombra. Ela tamborila os dedos em acordes incisivos e ascendentes. Valentina não se lembra porque o homem fala assim. Pausado. Com propriedade. O remédio? Os panos misturados às pílulas servem de almofada para ela sentar, com as pernas dobradas, sente o coração bater no funk da quebrada, cada vez mais alto. Culpa dos sopros que arrepiam sua nuca. Quem mais tá aqui dentro? No medo, a gente inventa. No poema era o contrário, não era? Quem sopra? Não tem como imaginar um ar condicionado no teto, sem luz, sem barulho. Em casa, o ventilador apita enquanto roda. No ambiente moderno, os donos do barulho são espíritos, monstros, alucinações. Vem deitar, Valentina, o homem balbucia. Um elfo. Como no poema. Os olhos de Valentina esticam para cima, a ponto das pálpebras desgrudarem do rosto. Vem logo, o homem insiste. Valentina desce os degraus sentada e se arrasta até a cama. O corpo em formato de tábua. Dura. Os músculos tremem. Quem é esse homem, meu Deus?! Se ele for mesmo o elfo? Os dedos abertos contorcem em crise de reumatismo. Tem certeza de que não são só seus poros que suam frio, seu sangue todo está frio. Preciso sair daqui antes que ele me pegue. Valentina rola para fora da cama, repete todos os movimentos mesinha parede interruptor. Não sobe os degraus, passa por eles andando com as pernas abertas de lado, uma dança de siri. Não posso cair, não posso cair. Um líquido escorre dos seus joelhos, se suas veias carregam sangue congelado não pode ser sangue, talvez, suor. Lembra, lembra, lembra. Não lembra. Preciso fugir. Pé ante pé, com os braços esticados à frente do corpo, chega ao outro lado do quarto. Seu coração marca o compasso na sinfonia de Schubert. Pano de veludo na parede. Uma cortina. Atrás de uma cortina sempre há um voal e uma janela e atrás da janela, ar. Valentina usa as mãos em forma de pinça para deslizar o pano morosamente com o mínimo de som para o homem não perceber sua manobra. Ao encostar em suas costas, viu sem ver o tamanho do homem: grande, maior do que ela, um gigante. E a voz? Voz de elfo. No poema, o elfo mata o menino. Ao terminar de puxar a cortina, pouca diferença faz no escuro do quarto, a janela de vidro está fechada e ainda há uma janela de madeira. As duas janelas são abertas de supetão por Valentina, encontrando uma noite sem lua. Um poste alaranjado lança sombra no fim de noite, clareando em degradê, nascendo para Valentina um sol de verão. Vou escapar.

Valentina, não!



*Transmembramento da canção* é uma antologia bilingue de poemas e ensaios de Hart Crane (1899-1932), um dos grandes poetas dos Estados Unidos.

Introdução, tradução e notas: Anderson Lucarezi.

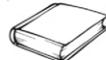
Edição: Vanderley Mendonça (Selo Cobalto).

Mais informações:  
[cobaltolivros.com.br](http://cobaltolivros.com.br)

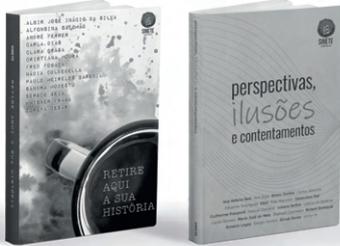
  
+ de 1.500 títulos  
publicados desde 2012  
[www.editoralitteralux.com.br](http://www.editoralitteralux.com.br)

Editora  
**Litteralux**  
Porque livros iluminam

Estamos recebendo originais:  
[originais@editoralitteralux.com.br](mailto:originais@editoralitteralux.com.br)

  
12 anos  


 /EditoraLitteralux  /litteraluxeditora  @editoralitteralux  litteralux@editoralitteralux.com.br



  
SINETE  
editora

Valorizando a literatura brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.  
[editorasinete.com.br](http://editorasinete.com.br)

Matheus Hotz

**beijar judas**

para nós  
meninas católicas o desejo não está no corpo do beijo

para nós  
meninas católicas o desejo está  
no sabor

sabor de quem beija com tesão  
a boca  
de um traidor

**belzebu apaixonado**

ainda que eu falasse a língua dos homens tudo que falo  
é a língua das moscas o amor é paciente  
o amor é generoso  
o amor te engana  
por seis meses  
pois você feriu  
seu ego frágil  
sua ferida de homem o amor comeu meu nome minha identidade  
meu retrato  
só não me comeu  
me deixou  
a escrever poemas

**this is fine**

parece que houve uma falha  
na comunicação  
começo o poema como  
começo minha oração diária  
olá deus  
sou eu de novo  
por aqui as coisas não mudam  
faz tempo  
e pode ser que eu esteja  
outra vez  
sabotando meu desejo  
com fantasias de herói  
pode ser que eu esteja  
outra vez  
na rua bertha halfed

na minha bicicleta sem rodinhas  
outra vez o tombo eu quero  
minhas rodinhas  
*this is fine*  
como naquele meme  
eu também tomo café  
em uma sala em chamas  
só que não é café  
é rum eu espero  
não ter que estar de cara limpa  
quando for chupar o rapaz  
que vem me ver hoje  
*this is fine*  
*i suppose*  
eu que sempre quis uma história de princesa

mesmo sendo o menino mais peludo da sexta série  
eu que tenho vinte seis anos  
e um relacionamento duradouro  
com uma candidíase recorrente  
chata de tratar  
*há de se ter cuidado, Matheus*  
*ou isso pode se tornar crônico*  
realmente doutor  
pode ser que isso tudo  
já seja mesmo crônico  
mas está tudo bem  
*this is fine*  
é hora de engolir o rum a visita já está a porta  
rapidamente  
eu apago o incêndio



**Poetas e Ficcionistas,  
venham prosear com a gente**  
[r3.editora.pangeia@gmail.com](mailto:r3.editora.pangeia@gmail.com)

Conheça mais  
[www.editorapangeia.com.br](http://www.editorapangeia.com.br)

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor / Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua



Mylena Queiroz

# Escrita transfronteiriça n'O Corpo e o Caleidoscópio

Na catalogação de *O corpo e o Caleidoscópio* (2022), obra de Thays Albuquerque, lemos: literatura brasileira. E ponto. Com a leitura, parecem abertas as possibilidades de entendermos como uma novela em três partes, como um trio de contos em pedaços, como um texto que conversa com a biografia da autora no momento da pesquisa, como um diário. O prefácio de Maria Valéria Rezende já aponta para essa fronteira borrada entre confissão ensaística, metaficção e autoficção. Gosto de imaginar o impasse de se catalogar certas obras, especialmente de literaturas contemporâneas, quando dançam entre gêneros, como é o caso desta obra de Thays.

É interessante notar, nesse sentido, que o projeto de escrita da autora conversa com as teóricas latinoamericanas que embasaram sua tese doutoral. Como se girássemos um caleidoscópio, percebe-se como Josefina Ludmer, quem escreveu o manifesto *Literaturas Pós-Autônomas*, espalhou-se nessas páginas como quando dizia, sobre literaturas latino-americanas contemporâneas: “tampouco se sabe ou não importa se são realidade ou ficção. Instalam-se localmente em uma realidade cotidiana para ‘fabricar um presente’ e esse é precisamente seu sentido” (2007, p. 1).

Essa fabricação do presente, ou no presente, é uma urgência da narradora. Isto porque ela caminha em busca de respostas, com sua pesquisa sobre ditaduras e narrativas no Brasil, Chile e Argentina, pensando as nossas desmemórias. Ela passa pela negação da história da escravidão

na Argentina, pela desinformação sobre a Ditadura Brasileira, pela participação no nosso país na ditadura do Chile. As fronteiras das histórias distintas, assim como os gêneros, vão se entrecruzando.

A narrativa parece se compor de conversas em aplicativos, de registros físicos, à mão, de uso de *gadgets*. São as viagens e a pesquisa que unem os formatos. No texto, as apresentações dos parágrafos mudam conforme há as mudanças de países.

Na primeira parte, acompanhamos as reflexões principalmente em torno do Brasil. O recuo do início do parágrafo segue por toda a parte referente a este país. Na seguinte, já no Chile, não há recuo em todos os inícios de parágrafos. Na terceira, narrativa sobre a Argentina, com recurso comum a glossários e bibliografias, todas as linhas dos parágrafos estão recuadas, com exceção das primeiras. São usados, assim, parágrafos comuns, alemães e espanhóis. Na forma, dando unidade à obra, ainda que em suas desavenças entre as partes, os trechos iniciais de pensamentos são marcados sempre pelo recurso do negrito.

Na narrativa é a memória que dá liga às partes. Memória, aliás, é não apenas um termo que marca vastamente as páginas de *O corpo e o caleidoscópio*. Nas cem páginas deste livro, a palavra surge mais de cinquenta vezes. A memória, sua ausência e os seus impactos parecem atravessar também o corpo da pesquisadora e narradora, ao se colocar em movimento, inclusive num constante atravessar de fronteiras de mundos:

**dois mundos** absolutamente diferentes separados por uma porta. a sujeira, a desorganização e a perturbação das ruas ao redor do memorial se opunham à estrutura bem arquitetada e ao asseio do interior. fui diretamente para a sala de reunião conversar com a responsável pela pesquisa do memorial da resistência de são paulo. ela me recebeu cheia de livros, gentilmente separados para mim porque tinham relação com a minha tese. passamos cerca de duas horas discutindo as especificidades dos trabalhos de memória no brasil quando comparado à argentina e ao chile. muitas referências bibliográficas, muitas experiências. me pareceu bastante positivo, no mapeamento dos espaços de memória no brasil, considerar os lugares de resistência também como lugares de memória, não apenas os locais traumáticos. logo após a reunião, ela juntamente com um estagiário de história me acompanharam em cada ala do memorial. voltei a tremer ao visitar as celas, os corredores, escutar o ruído dos ferrolhos, a gravação dos depoimentos que não cessavam de contar e recontar o que aquelas paredes testemunharam. até hoje permanece ecoando na minha lembrança a rosa vermelha iluminada na cela vazia e o dístico lembrar é resistir como a face-chave do memorial. (2022, p. 27)

Mapear e pensar as resistências é também analisar a falta de acesso. Ao chegar ao Memorial da Resistência de São Paulo, a narradora pensa o mundo que fica fora, que não entra no Memorial. O Memorial que estremeceu seu corpo é o mesmo que não será conhecido por quem dorme nas ruas, mas estremece de frio. As letras miúdas que iniciam as novas frases parecem dialogar com esse projeto de uma escrita transfronteiriça. Do borrado entre os gêneros, entre os problemas sociais, entre quem se é e onde se circula.

As citações de Ezer Liou, Nona Fernández e Marta Dillon — respectivamente, recifense, santiaguina e portenha — en-

trecortam e costuram, simultaneamente, o texto narrativo desta pesquisadora que relata suas inquietações fomentadas no percurso da pesquisa. Ela se questiona sobre morar no país do futebol, sobre o futebol ser o ópio do povo, mas também sobre não saber a respeito da relação política e futebol exemplificada com a democracia corinthiana, num trecho sobre ouvir a respeito numa mesa de bar, com amigos.

Protestos e futebol. Tortura nunca mais, primeiro monumento às vítimas da Ditadura brasileira. Um homem pendurado por algo enquanto está em posição fetal. Assassinatos de estudantes à queima-roupa. A literatura e a pesquisa rasgando a narradora. Visitas a locais com

arquivos sobre ditaduras. Caminhadas assustadas pelas ruas das metrópoles. Carnaval, Brasil. Equilíbrio entre vida e o ato quase não vital de se pesquisar. Atravessar a rua distraída. O medo da amiga mapuche que ela fosse assaltada nas ruas chilenas. Sangrar. Conversar em espanhol do Chile. Escrever em pé no metrô. Perder a estação por pensar no capítulo. Sentir frio. A cabeça martelando pelos temas e pelo álcool. Argentinos com comentários racistas. Grude. Pouco desejo sexual. Saudades do companheiro. Alimentar-se bem, fugir das milanesas. Ir às aulas. Se planejar. Ser imigrante por onde circula.

Neste caleidoscópio de experiências, entre conhecidos, amigos e anfitriões, ela vai percorrendo os temas e pensando seus lugares no mundo: “na minha cartografia pessoal marco alguns territórios como constituintes do que sou: ibura, recife, pernambuco, nordeste, brasil, américa latina, américa. a construção identitária é ora evidente ora embaçada, constantemente paradoxal.” (p. 81) A protagonista se direciona aos objetos de seu trabalho, mas também se volta para suas complexidades, seus percursos e suas formações: “sou afrodiáspórica (...) há pouco tempo, descobri também uma provável ancestralidade indígena. torna-se ilimitadamente difícil remontar a árvore genealógica quando não se tem um dedinho sequer na aristocracia.” (p. 81).

Nesse percurso, a narradora se coloca nesse lugar de risco que é o lugar de nos dizer sobre o que lhe era desconhecido, sobre o que havia refletido pouco até então. Ainda, quando circula pelas grandes cidades da América Latina, cruzando, assim, com a biografia de Thays — que foi pesquisadora no Museo Sitio de Memoria ESMA, em Buenos Aires, e no Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, em Santiago —, a narradora escuta: “*sexy, atrevida*. me olhando de frente enquanto cruzávamos a faixa de pedestre” (2022 p. 63). Enojada e assustada, acaba notando que circular é caminhar juntamente ao risco de ser assediada.

Nas fronteiras, ela escreve, ouve e fabrica memória. Quando concluí a leitura do livro, recordo que poucos dias depois veio à tona a informação sobre a artista Julieta Hernández, a palhaça Jujuba, ter sido vítima de feminicídio enquanto circulava pelo Brasil, em viagem à Venezuela. Um corpo de uma mulher latinoamericana em movimento, de uma mulher racializada, esse corpo no mundo é sempre — assustadoramente — um corpo na fronteira do perigo e da política.

Quando a chicana Glória Anzaldúa escreve *Uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo*, ela diz que se trata de uma carta que se iniciou, na realidade, como um poema. Datada em 21 de maio de 1980, Glória, nesse ensaio manifesto, convida mulheres a escreverem, como máquinas de guerras, a esvaziarem seus pensamentos nos papéis, a irritar machistas, racistas, xenofóbicos. A se assustar ao escrever.

Disse Glória que “Para sobreviver às fronteiras você deve viver sin fronteras ser uma encruzilhada.” Como se seguisse os passos de Anzaldúa, a narradora de *O corpo e o caleidoscópio* faz dessa escrita uma encruzilhada que é conjunto de memória entre o coletivo e a própria jornada, sempre no borrado das fronteiras.

#### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. *Nos fios da memória latino-americana: narrativas da pós-ditadura na Argentina, no Brasil e no Chile*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. 4 ED. San Francisco: Aunte Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, Gloria (1981). “Speaking in tongues: a letter to Third World women writers”. In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table, p. 165-74.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura*, n. 17, julho de 2007.

#### *sexy, atrevida.*

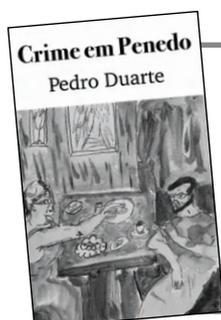
desgraçado, escroto. queria lhe cortar o pescoço, mata-lo com uma faquinha de cortar pão. apenas gritei: idiota. mentira. falei baixo. em uma rua deserta de rosário, na qual só se via ele e eu, seu machismo-racismo e meu medo.

ele gritou ainda mais alto: *sexy, atrevida*. me olhando de frente enquanto cruzávamos a faixa de pedestre.

eu tremi.

entendi que os estudos de gênero e toda teoria e crítica feministas não podem nos proteger da violência cotidiana. acreditei, neste momento como nunca antes, precisamos ser ninjas e aprender a matar.

**raquel e alejandro** me receberam pelo airbnb, um casal amável que deve ter por volta dos 65 anos, ela parece um pouco mais nova que ele, me dizem diariamente: *son unos negros, evita era una negra, por eso fue tan querida, vino de la nada*. E proferem não sei quantas outras expressões racistas sem se darem conta que estão falando com uma negra. como não percebem a agressão? no jantar, falei sobre a comunidade afrodiáspórica na argentina. tanto ela quanto ele se espantaram. negaram a escravização das pessoas negras na argentina sem hesitar. eu insisti, disse que existiram, mas a maioria foi morta como política higienista-eugenista. não aceitaram. em brasil sí trajeron negros de áfrica, pero em argentina no, ela argumentou. respirei e busquei manter a conversação apesar do incômodo. valeu a pena, aos poucos se abriu a obscura caixa da memória *de la pareja*. (...)” p. 67.



## Crime em Penedo

Pedro Duarte

209 páginas

Uma combinação curiosa de thriller com sátira social, *Crime em Penedo* narra a viagem de Vítor Borba a Penedo, na serra da Mantiqueira, sede da primeira e única colônia finlandesa do Brasil, na companhia de sua mãe. Vítor é um profissional às vésperas da meia-idade. À primeira vista, ele tem tudo: uma boa educação, estabilidade no trabalho, ambições criativas e perspectivas de crescimento. Mas não está satisfeito. Sua mãe, por outro lado, é uma pessoa prática e de personalidade forte. As diferenças entre mãe e filho exacerbam-se quando, em plenas férias, eles precisam abordar uma tarefa em comum: um desaparecimento que assombra a comunidade. **É possível comprar o livro via Amazon e Kobo.**

Ademilson Filocreão

# Infetante

A PALAVRA INFETANTE NÃO EXISTE, afirmou a mãe enquanto estavam no carro a caminho de casa, vindos do supermercado sob um calor de trinta e oito graus. Julinho recebeu a informação em dúvida, temendo que outras palavras pudessem deixar de existir num átimo de vontade.

Adentraram na sessão de *dona de casa*. Branca com uma bolsa enorme a tiracolo, parecendo um saco cheio de meteoritos. O menino trouxe a ideia fixa no estômago quando a mãe levou ao peito a embalagem de desinfetante. Para Julinho, o pensamento se encontrava no estômago. O estômago barulhava, o pensamento não.

Mamãe, se desinfetante é uma palavra, o que quer dizer a outra, a infetante, ele perguntou. Branca ficou rubra de vergonha, olhando para os lados para certificar-se de que estavam sozinhos. Não podia bobear. Raposa cega não vive um dia na floresta. Repreendeu Julinho.

Ele ouviu a tudo, os meteoritos da bolsa meio que explodindo em sua garganta. Não quis chorar: meninos não podem. Alguém ia ver. Conferiu se não havia outros homens espionando suas escondidas lágrimas. A mãe respondeu-o a caminho de casa, ao afirmar que infetante não existia, que às vezes as palavras só nascem de seu avesso e pronto.

O menino perguntou as horas. Branca estranhou o rumo da conversa, mas respondeu. Júlio cantarolava a palavra dentro de si, *infetante, infetante*. Lá fora, atrás do vidro do carro, o mundo era sujo, homens uniformizados e ruas assombradas. Talvez a calçada fosse infetante, ou os homens. Tudo um deserto, até o seu olhar. Os olhos se encontravam calourentos. A mãe viu pelo retrovisor, desconfiada.

Esse menino tem uma violência de pensamento, resmungou. E se o pensamento é violento, o menino devolveu, então estou sempre com fome. Branca tamborilava os dedos no volante. Resolveu ligar o rádio, mas logo desistiu. A distância das notícias é que a mantinha salva.

Júlio esburacou a confusão da sacola em busca do frasco de desinfetante. Até

que o encontrou, soterrado por itens de necessidade básica. Desinfetante de pêssego. O cheiro alastrado por todo o carro. Menino, para de mexer, você vai derrubar. E ele, nada.

Sacudiu o conteúdo, de tampa aberta, e um pouco da substância pingou na sua bochecha. Branca praguejou, puxando o produto de suas mãos, ao mesmo tempo em que dava um de seus olhos para o horizonte à frente. Branca também tinha olhos para os lados, para ver se não os vigiavam.

O filho chorava uma palavra. Ele sentia o pêssego industrial nas narinas.

Fiz uma cor diferente, pensou. Cor diferente existe? *Infetante* agora existe, mamãe, é essa cor no meu rosto. Infetante é o nome de uma cor. Branca calculou quanto demoraria para que chegassem, exaurida. Eu falei, Júlio, isso não existe. Ele insistiu, incisivo, existe *sim*. Branca arregalou os olhos, atormentada. Parece que viu nos olhos dele algo, quicá a tal da cor nova. Lá estava em seus olhos, o pai da família. Ela espantou o fantasma, engolindo em seco.

Você está com o demônio, gritou, rancorosa. O demônio está no meu estômago, mamãe. O menino limpou o líquido do rosto. O desinfetante ardia, um rastro. A mãe não podia afirmar, veemente, que algo não existia. Se não existe, não quer dizer que não esteja acontecendo, só não foi inventado ainda. Chegaram, enfim. Caramel, o cão, latia. Caramel latia para o invasor e o aliado. Até ele precisava cumprir sua função de cachorro a quem quer que fosse.

Um tempo depois que entraram, o telefone tocou. Branca não permitia que o filho atendesse o telefone, mesmo sozinho. Mas, alimentado de pensamento, Julinho resolveu desobedecer, correndo o máximo que pôde para receber a ligação. Disse alô na sua voz baixa. O outro lado, respiração entrecortada.

As garras da mãe desligaram o telefone. Júlio se virou. Branca estava pálida com uma faca na mão. Será que o mataria, assim como matou a cor e a palavra? Você não pode atender o telefone. Pausadamente,

deu uns sopapos no menino, e nada de encontrar a nova cor, nem nos hematomas. Ele não chorou. Não chorava. Meninos não podem.

A mãe voltou para a cozinha. Caramel também chorava lá fora. Até os animais podiam chorar, ele não. O pai disse, certa vez, que chorar acessava um abismo no qual, uma vez ativado, sentava de uma agonia só em seus ombros e ficava pelo resto da vida.

O garoto foi para o quarto, pegou seu caderno, escondido no fundo falso da gaveta e passou a tentar descrever a cor que não existia, sem sucesso. Frustrou-se. Que pavor!, o ser humano é uma série de desproteções em série. Um pensamento infetante desses só podia passar pela cabeça de quem trazia o diabo no estômago. O diabo no estômago sussurrou, sussurrou, mas não concluiu. Falava só: a cor é... Mas sem terminar de descrevê-la. A cor infetante estava perdida para sempre.

Julinho desistiu. Foi até o dicionário, letra I, In, Infe, inferior?, Infetante. E lá estava ela, desprezada no meio de outras palavras mais recorrentes. Infetante era o *infecto*. Ah! Branca queria infectá-lo da sua falta de assombro. Júlio, vingativo, correu para o rádio e o ligou bem alto. Trancou a porta. As notícias. As notícias infetantes.

Garoto, desliga isso, a mãe batia. Será que a porta sentia dores? O programa, o de uma senhora cartomante que falava do futuro como se houvesse passado, hoje você veio me procurar, hoje você está me escutando. Branca socava a madeira aos gritos, quanto mais o filho aumentasse o volume.

Até que jogaram uma pedra na janela. A cartomante interrompeu sua leitura para ler uma nova lista de mortos. A pedra quebrou o vidro e a lista quebrou o menino. Um fantasma pulou em seus ombros. Até Branca paralisou. Atônito, Julinho voltou-se para a pedra: era da cor infetante. O telefone tocou.

Você me disse, me disse que ela *não existia*. Você mentiu pra mim e agora... Ele parou de pensar. Abriu a porta, a mãe com a mão sugada no batente. Ela

de uns olhos alagados. Quando a viu, Julinho não acreditou em mais nada. No que mais poderia mentir para ele? Como fizera com o *infetante*, inventaria que a palavra *amor* também não existia. O amor deixava de existir tão rápido, num átimo de vontade. E a cor do amor também, uma cor infetante.

No que mais ela pode mentir para mim? Branca entrou no quarto, o filho ainda paralisado. Pegou a pedra onde se escrevia..... Julinho colou a palavra à sua cabeça. *Infetante: o mesmo que infecto*. Triste a vida dessa palavra, que nada tem de própria, é apenas relativa a outra. Julinho olhou para Branca enquanto ela voltava da janela em tom de mágoa. A pedra guardada em seu bolso. Indagou sobre o nome do pai na rádio. Branca olhou para os lados, tonta, e falou algo para si que o menino não escutou.

Deixe disso, fica quieto, vou dar um telefonema. E sumiu em direção à sala. Júlio percebeu as pequenas mentiras. Ele se perguntou quando as mentiras começaram. Se desde o começo do dia ou se desde o começo da vida. A mãe sussurrava na sala, essa vida em tom de mentira que eles levavam.

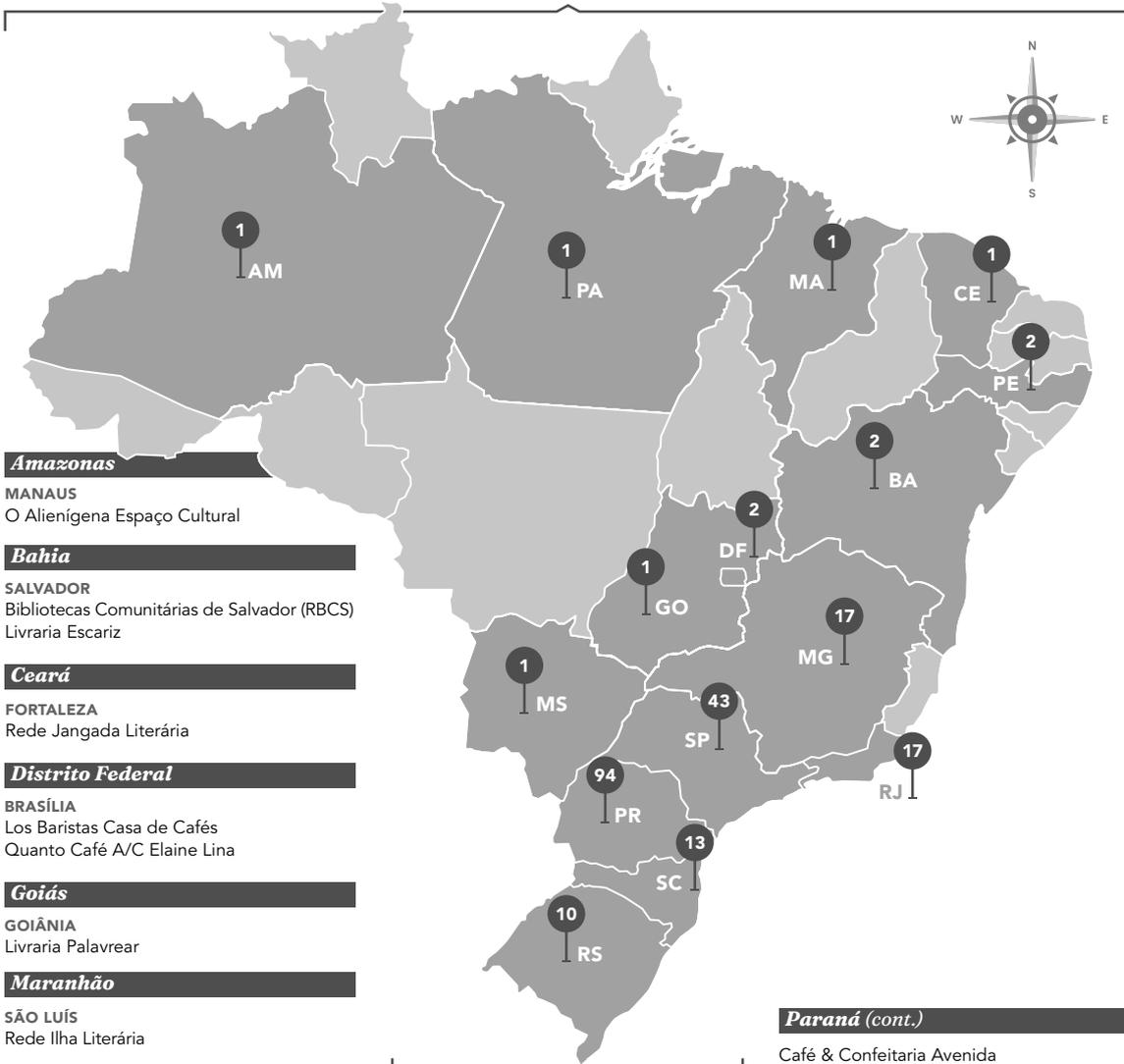
Branca mentiu sobre o amor, o amor não existia. Talvez o amor fizesse o caminho inverso e só existisse pelo avesso. Infetante e desinfetante existem. Amor não existe, só desamor. Julinho levou o amor ao estômago, o estômago barulhou com o verme novo. Que infecciona ou tem tendência de infeccionar. Emanações infectantes.

Júlio sentiu o fantasma nos ombros. Era o pai? Que era aquele chamado no rádio? Chamado infetante. O que mais podia *não existir* segundo a vontade? Quem determinava a vontade? Tudo papel do demônio em seu estômago.

A mãe apareceu de expressão alerta, chamando-o para uma volta no carro. Julinho, um tanto anestesiado, apenas a seguiu. Branca disse rápido, para que ele não pudesse consterná-la, vamos ter que nos mudar. Vamos ter que desaparecer. Então era isso. Ele próprio, o menino infetante, agora se tornaria uma cor.

# Pontos de distribuição do jornal Relevo

15 UNIDADES DA FEDERAÇÃO // 68 CIDADES



203 PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO

## Amazonas

MANAUS  
O Alienígena Espaço Cultural

## Bahia

SALVADOR  
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)  
Livraria Escariz

## Ceará

FORTALEZA  
Rede Jangada Literária

## Distrito Federal

BRASÍLIA  
Los Baristas Casa de Cafés  
Quanto Café A/C Elaine Lina

## Goiás

GOIÂNIA  
Livraria Palavrear

## Maranhão

SÃO LUÍS  
Rede Ilha Literária

## Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE  
Banca Modular

## Minas Gerais

BELO HORIZONTE  
Café CentoeQuatro  
Editora UFMG  
Livraria da Rua  
Livraria do Belas  
Livraria Dona Clara  
Livraria Jenipapo BH  
Livraria Outlet de Livro  
Quixote Livraria e Café

CÁSSIA  
Livraria da Praça

## ITAJUBÁ

Lume Livraria

## POÇOS DE CALDAS

Sebo Travessa Cultural

## POUSO ALEGRE

Sebo Santa Sofia

## SABARÁ

Sou de Minas, Uai

## SÃO JOÃO DEL REI

Livraria Café Itatiaia

## UBERABA

Lemos & Cruz Livraria

## UBERLÂNDIA

Domus Brasília Livraria

Samsara Espaço Esotérico

## Pará

### BELÉM

Rede Amazônia Literária (Espaço Cultural  
Nossa Biblioteca)

## Pernambuco

### RECIFE

Livraria da Praça  
Releitura

## Paraná (cont.)

Mamãe Urso Café  
Manifesto Café  
MediaLuna Café  
MediaLuna Café  
Novo Café do Teatro  
Ópera Garden Café  
Passeio Café e Arte  
Provence Boulangerie  
Rause Café + Vinho  
Rituais Casa de Café  
Sebinho FATO Agenda  
Sebo Kapricho Comendador  
Sebo Kapricho Marechal  
Sebo Kapricho Praça Osório  
Sebo Releituras Centro  
Sebo Releituras Portão  
Sebo Santos  
SESC Paço da Liberdade  
Teatro Guaíra IMPRENSA  
Telarinha Livraria e Café  
Terra Café & Bistrô  
Universidade Positivo Santos Andrade  
Tijolo CWB  
Utopia Tropical Chocolates

## Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES  
Dom Quixote Livraria e Cafeteria  
Paparazzi Livraria  
CANELA  
Empório Canela  
CAXIAS DO SUL  
Do Arco da Velha Livraria & Café  
GRAMADO  
Mania de Ler Bookstore  
PORTO ALEGRE  
CirKula Editora, Livraria e Café  
Livraria Clareira  
Macun Livraria e Café  
Rede Beabah  
Ventura Livros

## Rio de Janeiro

CABO FRIO  
Sebo do Lanati  
DUQUE DE CAXIAS  
Tecendo uma Rede de Leitura Associação  
Pró-Melhoramento  
NOVA FRIBURGO  
Jenipapo Livraria  
NOVA IGUAÇU  
Baixada Literária - Biblioteca Comunitária  
Judith Lacaz  
PARATY  
Livraria das Marés  
Mar de Leitores  
RIO DE JANEIRO  
Biblioteca Marginow  
Blooks Livraria  
Casa 11 Sebo e Livraria  
Letra Viva Café e Histórias  
Livraria Berinjela  
Livraria e Edições Folha Seca  
TRÊS RIOS  
Livraria Favorita  
VOLTA REDONDA  
Livraria Flamengo  
Diadorim Livros e Ideias - Pontual Shopping

## Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
Capsula Livraria  
BLUMENAU  
Rocinante Sebo  
ÇAÇADOR  
Livraria Selva Literária  
CHAPECÓ  
Humana Sebo & Livraria  
CRICIÚMA  
Sebo Alternativo  
FLORIANÓPOLIS  
O Barbeiro e O Poeta  
Sebos Ivete  
JOINVILLE  
Casa 97  
Salvador Vegan Café, Livros e Discos  
LAGES  
Livraria Sebo Marechal

## Santa Catarina (cont.)

PORTO UNIÃO  
Porto Presentes Papelaria  
SÃO BENTO DO SUL  
Dom Quixote Livros  
TUBARÃO  
Consulato Livraria

## São Paulo

ARAQUARA  
Livraria Murad Sebo  
CAMPOS DO JORDÃO  
História sem Fim  
CAMPINAS  
Sebo Porão  
Livraria Candeeiro  
Sebo Contracultura  
Iluminações Livraria  
COTIA  
Livraria 3x4  
FRANCA  
Almanaque Livraria e Sebo  
ITATIBA  
Livraria Toque de Letras  
JUNDIAÍ  
Livraria Leitura  
MOGI-MIRIM  
Banca do Sardinha  
PIRACICABA  
Sebo do Formiga  
RIBEIRÃO PRETO  
Livraria da Travessa Ribeirão  
SANTOS  
Realejo Livros  
SÃO CARLOS  
Livraria EDUFSCAR  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
Livraria Casa Nynho  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS  
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente  
Livraria Planalto  
SÃO PAULO  
Banca Tatuí  
Bar Balcão  
Café no Jardim 53  
Casa Brasília  
Círculo Livraria  
Coffee Lab  
Comix Book Shop  
LiteraSampa - IBEAC  
Livraria Insulto  
Livraria NoveSete  
Livraria Sebo Tucambira  
Livraria Simples  
Livraria UNESP A/C Maria  
Livraria Zaccara  
N'alma Café  
O Cão Engarrafado  
Patuá Discos  
Patuscada Livraria, Bar & Café  
Sabiá Discos  
Sebinho da Helô  
Sebo Alternativa  
Sebo Desculpe A Poeira  
Sebo Pura Poesia  
UGRA PRESS  
VINHEDO  
Sebo Vinhedo

## Paraná (cont.)

Café & Confeitaria Avenida  
Café 217  
Café Demoiselle Ana Rita  
Café do Canto  
Café do Espaço  
Café do Mercado  
Café du Centre  
Café e Livraria Solar do Rosário  
Café Fazenda Rancho Floram  
Café Lisboa  
Café Miraphlores  
Café Pangalatico  
Café Per Tutti  
Casa das Bolachas  
Chelsea Burgers & Shakes  
Coffeeteria  
Colégio Medianeira a/c Liliane Grein  
Dalat Café  
Empório Kaveh Kanes  
Fabrika Pães & Café  
Faraoh Records  
Fingen Café  
Fubá Café  
Fundação Cultural de Curitiba  
COMUNICAÇÃO  
Gerência Faróis do Saber  
Giardino Café & Cappuccinaria  
Go Coffee  
Grân's Café  
Inked Café  
Itiban Comics Shop  
Janaíno Vegan Bar  
Joaquim Livraria  
La Belle Époque  
Le Caffes Especiais  
Livraria Arte & Letra  
Livraria da Vila  
Livraria Vertov  
Lucca Cafés Especiais  
Lupita Bistrô Bar  
Mabu Hotel  
Madí Cafeteria e Empório  
Maitê Livros

## Paraná

### ARAUCÁRIA

Boutique Café  
Casa Eliseu Voronkoff  
Fisk Araucária  
Panificadora El Grano  
Porão Cavallo Baio

### GUARAPUAVA

A Página Livraria A/C Leidiane  
Gato Preto Discos e Livros

### LONDRINA

Nosso Sebo  
Olga A Livraria da Cidade

### PATO BRANCO

Alexandria Livraria e Cafeteria

### PINHAI

Estação Curitiba Café  
Livraria e Cafeteria Café com Letras

### PONTA GROSSA

Cripto Cultural

### Phono Pub

Sebo Espaço Cultural 1

Sebo Espaço Cultural 2

Verbo Livraria

### SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Sebo da Visconde

### COLOMBO

Livraria e Papelaria Colombo

### CURITIBA

Agendarte Livros

Ah! Cafeteria

Arcádia Sebo & Café

Baba Salim

Biblioteca Pública do Paraná

Botanique Oásis

## Achou?

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco:

contato@jornalrelevo.com

## Angústia

Clarice Lispector

Um rapaz fez-me essa pergunta difícil de ser respondida. Pois depende do angustiado. Para alguns incautos, inclusive, é palavra que se orgulham de pronunciar como se com ela subissem de categoria — o que também é uma forma de angústia.

Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia — e a fuga é outra angústia. Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

Esse mesmo rapaz perguntou-me: você não acha que há um vazio sinistro em tudo? Há sim. Enquanto se espera que o coração entenda.

